PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 31
ANO 4
JULHO/2022





EDITORIAL

Eduardo Mahon
Editor Geral

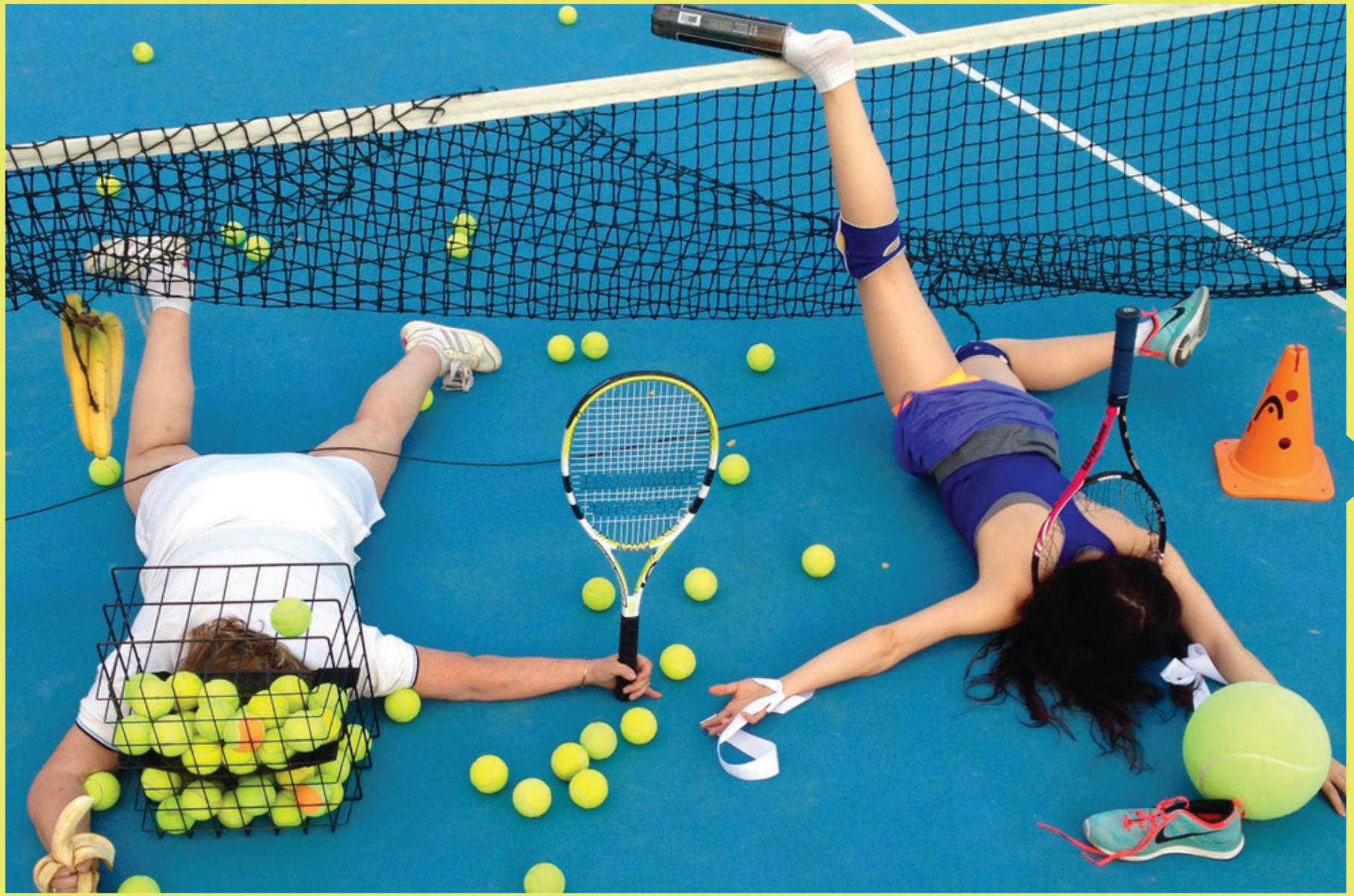


A crítica literária é uma atividade humana. Feliz ou infelizmente humana, porque nela há tudo o que pode ser generoso e mesquinho, coerente e contraditório. Ao criticar o cancelamento da cultura russa, movimento global contra a guerra do autocrata Putin, Julián Fuks elabora um consistente questionamento sobre a validade dessa perseguição cultural. Enfoca, sobretudo, a contradição em banir das rodas de leitura autores como Dostoievski que, em vida, foi vítima do czarismo. A reflexão final remete ao próprio autor russo cujo esforço teria sido proporcionar perfis além de suas redutoras circunstâncias. Se é ou não verdadeira a visão sobre a sublimação da vida real, não tenho espaço para o velho debate. O que de objetivo fica de Fuks é sua militância contra o cancelamento do mal. Sou todo aplausos para a lucidez com que o escritor brasileiro defende o que nos parece óbvio – separar alhos de bugalhos.

Tudo ok? *Por supuesto que si*, pero no mucho. Pode ser que o fetiche vire contra o feticheiro. Mais recentemente, Fuks escreve sobre outro antigo dilema dos leitores e, sobretudo, dos críticos: a tentativa de separar a obra de seus autores. Ao comentar o apoio de Vargas Llosa ao viés autoritário brasileiro Fuks se ressente. Cita livros considerados "consistentes, eloquentes, bem constituídos" e se pergunta como pode o autor alinhar-se com posicionamentos políticos tão estapafúrdios. Mais à frente, afirma que tudo ficou esclarecido durante o doutorado. Os pensamentos equivocados de Vargas Llosa sempre estiveram em seus livros, formados a partir de uma visão caótica de mundo. É que nosso contexto latino-americano seria paternalista, demandando intervenção contra o atraso. Um bom escritor com ideias sórdidas, em resumo. Por fim, Fuks chama atenção para o dever da crítica, ao se desapontar com o autor.

Fiquei a me perguntar sobre como deveriam ser lidas as opiniões de Fuks, se colocadas lado a lado. Em qualquer contexto, há um certo e um errado. O certo precisa ser aplaudido e relevado e o errado, vaiado e criticado. Onde estaria a sublimação das circunstâncias na ficção? É curiosa essa leitura especular romance/biografia e sem-cerimônia como se coloca a obra no mesmo divã. Não poderiam os escritores pensar num mundo ficcional para sugerir o contrário? Não seria uma forma de denúncia de visão atrasada o que estariam buscando com personagens broncos, agressivos, ignorantes? Minha surpresa é com a insistência desse velho inquérito sobre a "intenção do autor" ao escrever um texto. Afinal de contas, a escolha do tema, a forma de narrar, a complexidade das personagens, suas ações na trama, o desfecho, enfim, o universo de um livro foi deliberadamente pensado, projetado para ser como é. O que o autor quis nos dizer? Trata-se de um outro departamento, talvez um brechó da crítica literária.

Após a publicação, o livro nunca mais deixará de ser como foi no início. O que muda com o tempo é o olhar e, portanto, a interação pode tirar a obra de uma estante superior para colocá-la em outra, mais abaixo. Escritores podem mudar completamente. De ateus a crentes, de carnívoros a veganos, de boêmios a madrugadores. Tem gente que troca de uniforme muitas vezes durante o jogo. Mas e o que passou? Cancelamos os gols? Noutras palavras, o quão válida é a leitura filtrada por afetos e desafetos ideológicos? Não seria uma forma de cancelar Mario Vargas Llosa ao rotular sua escrita como "uma visão preconceituosa e caduca que distorce tempos, espaços e identidades"? Fico me perguntando o que Fuks diria se o peruano comungasse com ele das mesmas perspectivas, se votasse nos mesmos candidatos, se militasse no mesmo campo ideológico. Quem será que caducaria primeiro: a obra ou a leitura?, o livro ou o leitor? Francamente, tenho dúvidas se possa existir um cancelamento do bem.



SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Aclyse Mattos
10 Adriano B. Espíndola Santos
12 Bernadete Crecêncio Laurindo
14 Caio Augusto Leite
16 Clark Mangabeira
18 Cristina Campos
20 Divanize Carbonieri
22 Edson Flávio Santos
24 Eduardo Mahon
26 Emerson Persona
28 Felipe Eduardo Lázaro Braga
30 Gabriel de Mattos
34 Giana Benatto Ferreira
36 Jaqueline da Silva Oliveira
40 Helvio Moraes
42 Ireneu Bruno Jaeger
46 Juçara Nacionli
48 Klaus Henrique Santos
50 **Sandro Giordano**
54 Leni Zilioto
56 Lilian Barros de Abreu Silva
58 Luane Nigro Sato
60 Luciano Lanzillotti
62 Luiz Marchetti
66 Mar Becker
68 Marcelo Labes
70 Marli Walker
72 Marta Cocco
74 Matheus Guménin Barreto
76 Mirian de Carvalho
78 Odair de Morais
80 Paulo Wagner de Oliveira
82 Raquel Naveira
84 Renata Marmol
86 Stéfanie Sande
88 Wellington Amancio da Silva
90 Mario Cezar Silva Leite
94 Renato Medeiros
96 Maristela Carneiro
98 Anna Maria Ribeiro Costa

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: Sandro Giordano
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Aclyse Mattos, Adriano B. Espíndola, Bernadete Crecêncio Laurindo, Caio Augusto Leite , Clark Mangabeira, Cristina Campos, Divanize Carbonieri, Edson Flávio Santos, Eduardo Mahon, Emerson Persona, Felipe Eduardo Lázaro Braga, Gabriel de Mattos, Giana Benatto Ferreira, Jaqueline da Silva Oliveira, Helvio Moraes, Ireneu Bruno Jaeger, Juçara Nacionli, Klaus Henrique Santos, Leni Zilioto, Lilian Barros de Abreu Silva, Luane Nigro Sato, Luciano Lanzillotti, Luiz Marchetti, Mar Becker, Marcelo Labes, Marli Walker, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto, Mirian de Carvalho, Odair de Morais, Paulo Wagner de Oliveira, Raquel Naveira, Renata Marmol, Stéfanie Sande, Wellington Amancio da Silva, Mario Cezar Silva Leite, Renato Medeiros, Maristela Carneiro, Anna Maria Ribeiro Costa.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba



NUM PESCAR DE OLHOS



Olga Maria Castrillon-Mendes
É pesquisadora da literatura brasileira. Autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, Cáceres: EdUNEMAT, 2013); Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso, 2017; Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários (Carlini & Caniato, 2020) e Letras cacerenses (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, em coautoria).

DOCE RECUSA DO OLHAR

O que prende ou afasta a atenção do espectador/leitor perante a trágica, violenta ou a natural representação do mundo? Se pensarmos no trágico como centro da vida grega e considerado, por Aristóteles, como imitação dos homens virtuosos e superiores, entraríamos em questões de gênero que ainda hoje têm merecido estudos especializados entre os que defendem o trágico, ou mesmo o rechaçam ao preconizar a morte da tragédia. No entanto, parece que há certo gosto em provar sua permanência no contemporâneo, quando se leva em conta os dois impulsos da estética grega, o apolíneo e o dionisíaco. Ambos estão na base dos debates sobre a moral da arte e a decadência dos costumes. Na recusa de um (apolíneo) em detrimento de outro (dionisíaco), a noção de tragédia tem atingido o centro de muitas reflexões.

Vida e arte não se excluem. Ao contrário, desnudam conflitos e contradições que questionam os paradigmas tradicionais. Então, não há modelos de conduta, pois quanto mais somos expostos às manifestações artísticas, mais nos colocamos no jogo de oposição característico dos fenômenos humanos.

No caso do erotismo e/ou pornografia na arte, a noção está ligada à construção histórica. Na antiguidade há inúmeras obras licenciosas que só mais tarde foram categorizadas de obscenas. Quem se dedicava a escrever sobre tais conteúdos eram considerados 'malditos'. O conteúdo sexual está mais para a forma como está representado do que para a polêmica moral que o condena/recusa. Daí a premissa de que o valor da arte não se mede por sua moralidade, mas por sua qualidade estética. O que tem atrapalhado/distorcido o assunto é uma questão de moral social e religiosa, responsável pelos desvios da interpretação.

Será que ainda hoje as representações da pornografia e do erotismo são vistas como obra de 'malditos'? Eliane Robert Morais, professora de literatura brasileira na USP, dá uma entrevista reveladora sobre o pioneirismo e o percurso desses estudos nas Universidades (Revista AZmina). Para ela, desde a publicação de *120 dias de Sodoma*, do marquês de Sade, a pornografia funciona como um "cardápio de paixões". Imagem elucidativa para os menos entendidos do assunto que ficam entre pornografia (que "mostra tudo") e erotismo (o que é "velado"), para a pesquisadora, uma distinção moralista. Não estaríamos a recusar algo inerente aos outros e não intrínseco a nós?! Uma doce recusa a que os olhos teimam em fixar.





Aclyse Mattos
É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motos-blim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

PARQUE LAGE

Ambientar um conto no Parque Lage:
aquelas paredes úmidas, tomadas pela vegetação,
aquela mata em plena cidade bastando transpor um portão.
Os muros, as ruínas, os cipós.
A cidade que pulsa além-muros e o parque mudo de árvores.
Noite. Os agitos da Geração 80.
Havia uma decoração na exposição: A Sala da Diva! Com óperas de Verdi minando pelas paredes.
Um aquário de sapatos.
Borrões sobre a mesa de gravuras.
O parque mudo de árvores dentro do escuro da noite.
Um banheiro de filme policial.
Uma diva nua escorre sangue de seus braços no ladrilho do piso.
Um sangue vermelho borrando o chão branco.
Como as mesas das gravuras, como as messes das ovelhas.
Sacrifício!
Suicídio Assassinato Paixão
“Faustino canta no coral da empresa.”
O cofre com olhos.
Noite de chuva.
Esqueci de contar: começou a chover.
Óperas de Verdi minam das paredes verdes de musgo.
A garganta da diva cortada.
Contas de pérolas rolam no chão.
Tudo começa normalmente.
Faustino canta no coral da empresa.
Gatos, guardas e namorados passeiam pelo parque.
Quando vem a noite: tempestade chuva.
Oficinas de serigrafia serão sinas?
sinais grafismos grafitis rabiscos.
Mulheres que não podem se encontrar.
O culpado é sempre o mordomo.
Talvez o Faustino.
Talvez a camareira da diva que ainda tem os cabelos úmidos.
Ela disse que saíra na chuva.
Alguém desliga esse Verdi.
Onde estará o mágico?



Adriano B. Espíndola Santos
É natural de Fortaleza, Ceará. Em 2018 lançou seu primeiro livro, o romance “Flor no caos”, pela Desconcertos Editora; em 2020 os livros de contos, “Contículos de dores refratárias” e “o ano em que tudo começou”, e em 2021 o romance “Em mim, a clausura e o motim”, estes pela Editora Penalux. Colabora mensalmente com as Revistas Mirada, Samizdat e Vício Velho. Tem textos publicados em revistas literárias nacionais e internacionais. É advogado civilista-humanista, desejoso de conseguir evoluir – sempre. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária. Membro do Coletivo de Escritoras e Escritores Delirantes. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

SONHAR, PECANDO

Não mais. Foi-se o tempo. Tenho consciência e sou realista; não pessimista, como insiste Gabriela, minha neta. Ela é muito nova para entender dessas coisas. Até lhe pergunto se a minha idade avançada não serve para nada, além dos achaques. Sim, ela pensa que sabe de tudo: tudo! Já pensou? Eu, que fui um homem de posses, viajei; arranjei suplícios amorosos dos quais sequer gosto de me lembrar, posso ser um fracassado, mas pouco vivido, experimentado, não! Como se diz: “Passado na casca do alho”; “Gato escaldado tem medo de água quente”, e por aí vai. Gabriela deu agora para ser empreendedora e vem me falar, serelepe, sobre uma tal de criptomoeda. Que eu serei rico, se souber “investir” o meu dinheiro. Ora, rico para quê? Logo mais morrerei. E, por precaução, não falo nada acerca dos meus proventos, que são mirrados – pode ser que, se souberem, ela e o seu pai, me largarão nalguma casa de repouso vagabunda, cheia de velhinhos sebosos. Fracassado, mas não burro! Fracassado por opção; porque quis viver e gozar enquanto podia. Se isso é ser fracassado, pois muito bem: sou. Para desviar o assunto, digo que vou ajudá-la com um dinheirinho. Tenho de juntar ainda mil contos, para ver se ela me deixa quieto. Mil é o máximo de que posso dispor, para não comprometer o meu sustento. Aquela menininha sagaz parece que puxou ao avô – a mim –, e nisso me realizo, de certa forma. Ela bola planos para voar; não pretende ficar nesta terra de “fracassados”. Diz que vai morar em Luxemburgo, um pequeno país da Europa, porque ali há “dinheiro escondido por entre os jardins”. Fala, até, um pouco esnobe – puxando ao avô, na juventude –, que será rica, muito rica, “do tanto que eu possa comprar tudo que eu quiser, quando quiser”. Refleti pouco e fiz exatamente do mesmo jeito. Não contabilizo a fortuna que derramei por este país, em festinhas privé, com os políticos e empresários mais gananciosos e medonhos que o cofre do Brasil já suportou. Ah, o que dizer de Altair Gonçalo e de Leonardo Dalmo Assis? Foram políticos bárbaros, inclementes; morreram como lhes convinha, em acidente e na amargura, respectivamente; e, veja, diziam-se meus amigos-irmãos. Continuo sobre a minha menina... as memórias me perturbam; é preciso não lembrar. Mas como? Enfim, Gabriela, Gabriela Diniz... Hoje teremos uma conversa séria. Liguei cedo, desejei um belo dia – ciente de que a noite não seria tão boa assim. Ela vem para o jantar. Devo declarar que ela pode acabar como o avô, em completo ostracismo. Que ela é jovem, saudável, e não carece, de jeito nenhum, pensar só em dinheiro. Por que não viajar, sim, para passear, estudar? Por que não levar esse bom velhinho para assistir a um filme, ou mesmo a uma peça? Não. É egoísmo meu. Tudo desmanchado. A nossa conversa não terá o fim que planejei. Melhor largá-la para sonhar, pecando.





DE JULIETA E ROMEU

E na história real,
Romeu e Julieta
Não morrem...

Romeu não morre
E Julieta não morre
De amor

Julieta morre
De desamor do Romeu...



Bernadete Crecêncio Laurindo
É advogada e escritora, Membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras da qual é fundadora e ocupa a Cadeira n. 4. Publicou vários livros, entre os quais Sóis e Decifra-te e, ainda, textos infantis como Luzinha chega ao Planeta Terra e Boca da Noite.

Desde a primeira linha a incerteza de haver a linha. E se eu dissesse galinha, nem ovos, nem céu, nem clara. Mas a memória do dia em que fui até o canto de sossego dessas aves no quintal de vovó e peguei numa cesta seus ovos ainda quentes e sujos de barro. Mas como se fosse. Não como foi. Não eu mesmo, mas um que eu pensasse ser. Não vovó já morta, mas outra ainda viva na imprudência da palavra que nada quer perecer se eu não disser: vovó está morta. Se eu não disser, ela não estará nunca. Mas desde a primeira palavra a dissonância em relação a mim mesmo: mas também representação mais ou menos correta da concreta desarticulação que sou em relação a mim. Não como é, mas como se pudesse ser. Não exatamente, mas reconhecível até mesmo no que há de diametralmente oposto. Análogo. Em diálogo mudo com o real. A voz sem som a percorrer léguas de deserto neutro. No ar entre nós. Na distância entre eu e eu mesmo, nisso tudo o desejo de resgatar aquela uma só cena “pegando os ovos no canto de sossego das galinhas” e é falho, e é fácil demais para ser possível, e é nocivo, e é tão arbitrário como as peças de mil encaixes a formar qualquer imagem, pois todas servem e nenhuma é definitiva. Abrir as mãos e não haver linhas sobre as palmas. E dizer vive e morre é natural e descabido. É singelo e horroroso. Ao mesmo tempo quente e glacial. Imortal na própria falta de vida. Mas quer recuperar o sonho de estar sendo. E busca reinaugurar a alegria posta de lado. É o primeiro passo no desequilíbrio das ondas sonoras. É questão maior. É o próprio dia afogado e em fuga. É a memória funda da casa da avó é a casca do ovo é a gema amarela é o bolo do meu aniversário no entanto no relato se não digo não há festa, não há tempo e eu nunca morro, pois nunca envelheço.



Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro, A Bacana, mallarmargens, Vício velho, Lavoura, Subversa, Literatura & Fechadura e Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto*.





VEZ

Da próxima vez que eu morrer
estarei cantando
palavras gentis
Você tomará conta dele
enquanto escuto Belle and Sebastian
e Janelle Monáe

O cachorro dormindo na porta
Café pra quem precisa
E a gentes
que ama tanto a vida
estaremos ouvindo diamantes
Bebendo uísque e cerveja
de férias
numa eterna sexta-feira



Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

o meu ver se faz aberto,
o banal já não me engana,
pois sinto ser raça humana
piada que não deu certo.



Cristina Campos
É doutora em Educação (USP, 2007); mestra em Educação (UFMT, 1999); especialista em Língua Portuguesa (UFMT, 1989), Semiótica (UFMT, 1995) e Semiótica da Cultura (UFMT, 1996). Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pelo IFMT – Campus Cuiabá. Ocupa a Cadeira 16 na Academia Mato-grossense de Letras. É autora das seguintes obras: *Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas* (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), *Conferência no Cerrado* (Tanta Tinta, 2008), *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas* (Carlini & Caniato, 2010), *O falar cuiabano* (Carlini & Caniato, 2014), *Bicho-grilo* (Carlini & Caniato, 2016) e *Papo cabeça de criança travessa* (Tanta Tinta, 2017).





MARCA

a mão braquidátila
também é blasfema
emblema infame
de um daimon maldito

metacarpos retraídos
na metade das palmas
plasmando a marca
de um caim renascido



Divanize Carbonieri
É doutora em letras e professora de literaturas de língua inglesa na UFMT. É autora dos livros de poemas Entraves (2017), Grande depósito de bugigangas (2018), A ossatura do rinoceronte (no prelo) e Furagem (no prelo), além da coletânea de contos Passagem estreita (2019).





Edson Flávio Santos
É cacerense, doutor em Estudos Literários, pesquisador e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PPGEL/UNEMAT. É autor de *Aldrava* (2020) e *Utopias e resistências na obra de Pedro Casaldáliga*: escritos escolhidos (2021). Escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

DIAFANIA

Às amigas
Divanize Carbonieri
Marli Walker

enterrei-te hoje. joguei a última rosa. a derradeira pá de cal.
pedi aos coveiros que selassem bem as placas de concreto de sua campa.

agora que sei de tua verdade, gozas do sono da eternidade.

enterrei-te hoje. ajuntei tuas mãos frias. beijei a testa macilenta.
levei todas as coroas fúnebres para o cemitério.
livrei-me do cheiro de morte que me trouxeste.

despedi os convivas enquanto suspirava aliviando-me em cada condolência:
foi livramento, disseram.

enterrei-te hoje. depois de um velório sem fim.
centenas de velas consumindo-se ao sabor das horas, inutilmente.

noites em claro acreditando que ressuscitarias. outra grande mentira tua.
orações em vão.
Tu que nunca merecestes nenhuma.

enterrei-te hoje. sem esforço, como se enterra um bicho.
e o dia terminou de súbito
como tua jornada no terreno do meu corpo.

enterrei-te hoje com ajuda de outrem.
mas escolhi as roupas largas,
as flores e as cores do forro cafona de cetim

enterrei-te hoje, já sem lágrimas vertendo.
ansiava por esse dia sem nunca acreditar.
já sem vontade de ficar inerte ao lado do esquife.
queria apenas ter a certeza que se foi.

enterrei-te hoje. sem remorso algum.
agora que estás só e com medo,
quem irá fazer-te os teus gostos?
quem irá ouvir-te?
acreditas que alguém quer saber de tuas histórias?

enterrei-te hoje, enfim.
paguei todos os credores dessa relação.
quitei todas as dívidas morais
e as imorais também.

enterrei-te agora
e para sempre.
amém.

APOCALIPSE

No carro da Clarisse não tem puta-que-pariu. Ela me disse que passou a ser um item opcional. Um absurdo. Toda vez que eu entro no veículo, procuro o diabo da alça. Me dava segurança. Estabilidade, percebe? Para quem não sabe do que estou falando, o puta-que-pariu, também conhecido como puta-merda, é um pequeno puxador que vinha instalado na lateral do carro, quase no teto. No caso de uma freada, derrapada, batida ou inopinado cagaço, aciona-se o puta-que-pariu. Sim, é verdade: é o cinto que previne os acidentes. Mas o puta-que-pariu impede piripaques. Sim, é verdade: freios abs, air bag e outros que tais são responsáveis pela vida do motorista. Contudo, há de se dar o devido valor ao puta-que-pariu. É ele o responsável pela paz de espírito. Imaginem o que é enfrentar um engarrafamento sem balançar o braço com ajuda da alça de plástico. Portanto, é de pasmar que um item de tanta relevância tenha se tornado opcional. Além do mais, no tempo em que podíamos andar de vidro aberto, sem fumaça e sem malabaristas nos semáforos, eu segurava no puta-que-pariu e abria a asa. Era um alívio para o sovaco. O cotovelo funcionava como um quebra-vento que, aliás, também acabou. O fluxo de ar desviava-se pelo cotovelo, seguia pelo braço, ombros e descia para o tronco todo. Hoje em dia, temos ar condicionado. Ninguém se pergunta o que acontecerá no caso de cecê. Cinco pessoas aboletadas num engarrafamento com aquela nhaca debaixo do braço. Tranca-se o carro e joga-se a chave fora? Onde está aquele ventilador natural que era o puta-que-pariu? Ficamos eternamente submetidos à parte elétrica. Se pifar, a vida acaba. E a embreagem? Demora para coordenar um pé com outro, vamos e venhamos. Pior do que tocar harpa. Alguém já viu como vão e voltam os dedos dos harpistas? Era a mesma coisa nos carros de antigamente. Pé esquerdo na embreagem, pé direito no acelerador. E o freio? O freio, dizia o instrutor, é acionado retirando-se o pé do acelerador. E o pé esquerdo, caralho? Esse só se usa ao passar a marcha. E se eu usar o pé esquerdo no freio? Nesse caso, vai dar acidente, meu jovem. Muita informação, com licença. Um tempo depois do primeiro motor que afoguei na partida, lançaram o câmbio automático. A minha expertise entrou pelo cano. Não foi bolinho. Duas décadas de treino diário, anos de tratativas entre o pé esquerdo que levantava e o pé direito que abaixava, além da mão direita que encaixava o câmbio na marcha correta, enquanto a esquerda mantinha o volante estável. E a chave? Até chave acabou! Basta se aproximar e o carro se abre como porta de shopping. Alguém se lembra do pino? Como vou saber se a porta está aberta ou fechada? Ó tempos! Mas eu resisto. Tento resistir. Me recuso a olhar na câmera interna quando vou estacionar. Sou mais eu, ora! Vou mirando o retrovisor até alinhar o carro, torço e contorço, calculo a distância entre uma lataria e outra. Tudo no olhômetro. Bons tempos de baliza! Vou me adaptando como posso, não deixo por menos. Na falta do puta-que-pariu, enfio a mão para fora, abro a asa e refresco o meu sovaco. Gente, é sério. Isso aqui é muito sério. Estou desconfiado de que vão acabar com o porta-luvas. O porta-luvas! Onde vou guardar o rolo de papel higiênico? Eu vivi no tempo em que o porta-luvas vinha com fechadura. Juro por Deus. Adianta essa lembrança, esse conhecimento, essa ciência morta? Vai mudar tudo. Já mudou, aliás. O acendedor de cigarro, o cinzeirinho, a seta do limpador de para-brisa, o esguicho de água no vidro, a manivela da janela, eu, você, todo o nosso tempo e as nossas velharias. É o pós-moderno, me disse um amigo. Não querido, respondo convicto, sem o puta-que-pariu é o apocalipse...





Eduardo Mahon
44, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

DO QUE SÃO FEITOS OS ARTISTAS, AFINAL?

É difícil responder a esta pergunta sem procurar entender o contexto de onde eles partem, claro que podemos incluí-los numa categoria nada comum: Questionadores da sociedade através da sua produção imagética.

Afinal vivemos em um mundo dominado pela imagem. Portanto pensar o artista como propositor de mais e mais imagens é vê-lo como um agente dentro de um sistema cruel de descarte, segregação e acúmulo, ledo engano, o artista esta dentro do sistema para corroê-lo por dentro, para questioná-lo e sobre tudo para nos fazer refletir sobre toda a barbárie de ações e políticas que são perpetradas diariamente sobre nossas cabeças em diferentes contextos.

A representação do corpo adquire na contemporaneidade um inegável desejo de ser visto e apreciado principalmente no contexto social, muito disto reforçado pelas novas redes sociais e no rápido desenvolvimento tecnológico. As diferentes práticas corporais produzem sujeitos expostos aos olhos do mundo e muitas destas imagens não correspondem à realidade, mas sim são construções dionisíacas, cenográficas mediadas pelo desejo de parecer jovem, belo e de frenética atuação social. Portanto o corpo idealizado se torna uma realidade virtual onde uma sociedade perfeita é construída, idealizada e desejada.

Sendo assim nestas imagens não existe lugar para o erro, a fome, a degradação, a falta de beleza.

E então temos a obra de Sandro Giordano.

O artista italiano constrói em suas fotografias uma forte ação sobre diferentes sistemas políticos, sistemas estes fortemente enraizados em nossa sociedade, sobre tudo na representação do corpo e do espaço social. Em Giordano o espaço da fotografia é lindamente organizado com seus elementos compositivos, ali um corpo, uma maçã, uma folha ou uma garrafa de vinho não esta acidentalmente dispostas, mas sim meticulosamente colocados no espaço para nos dar a impressão do caos, e é neste caos que Giordano organiza e compõe com requintes de belíssima crueldade. Ali corpos magros, brancos, consumistas e hedonistas estão sujeitos à queda (ou tombo) em seu local de privilégios, assim podemos dizer que existe nas quedas propostas por Giordano uma quase humanização destes corpos. É caindo que estes corpos mostram sua vulnerabilidade, inadequação e desalinho.

Sendo assim, são conclusivas nas quedas retratadas por Giordano a nossa fragilidade, estamos sujeitos a não dominar totalmente o nosso destino, estamos constantemente passivos e sujeitos a exposição e ao ridículo. Esta vulnerabilidade representada pelos corpos anônimos, afinal o artista não mostra seus rostos, coloca os sujeitos em situação oposta a sua realidade, mesmo que cercados pelo cotidiano da vida usando Prada ou bebendo *veuve clicquot* estes corpos são subjugados.

Sandro Giordano e sua arte constantemente esta nos mostrando que não passaremos impunes aos nossos vícios, a nossa arrogância e insensatez. Quando alguém cai um anjo torto ri.

Afinal até os deuses caem, e porque não dizer, por vezes queremos isto.



Emerson Persona

Tem Graduação Superior em Pintura e Especialização em História da Arte Moderna e Contemporânea, ambas pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2009). Possui Mestrado em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2017). Doutorando Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná.





TORNANDO-SE UMA PESSOA MELHOR

TEXTO QUE PUBLIQUEI:
Ótima localização, região central da cidade perto de tudo, abrir a janela e ver restaurante, biblioteca, estátua, padaria, metrô. Fora que é uma das esquinas mais bonitas de São Paulo: logo em frente, mural do Di Cavalcanti; na quadra seguinte, escultura da Tomie Ohtake (horizonte de São Paulo todo contornado de grafites, poucas empenas-cegas sem pintura: ap. no nono andar). Falando em varanda, a do Bruno é enorme e aconchegante, tal como nas fotos do perfil. Cozinha equipada com todos os itens indispensáveis – micro-ondas, cafeteira, forno, freezer –, a limpeza estava de parabéns: você entra no *studio* achando que o Bruno inaugurou o espaço pra te receber. Além disso, ele deixou mapinha da região, fofo e desenhado à mão, com museu, balada, restaurante, prédios históricos: Bruno, obrigado pela hospedagem, super recomendo a todos os hóspedes!

TEXTO QUE ESCREVI:
Ótima localização, região central da cidade perto de tudo, abrir a janela e ver restaurante, biblioteca, estátua, padaria, metrô. Fora que é uma das esquinas mais bonitas de São Paulo: logo em frente, mural do Di Cavalcanti; na quadra seguinte, escultura da Tomie Ohtake (horizonte de São Paulo todo contornado de grafites, poucas empenas-cegas sem pintura: ap. no nono andar). Falando em varanda, a do Bruno é enorme e aconchegante, tal como nas fotos do perfil, e vai ser tão mais aconchegante quanto mais você gostar de buzina e poluição às 3 da manhã. Cozinha equipada com todos os itens indispensáveis – micro-ondas, cafeteira, forno, freezer –, a limpeza estava de parabéns: você entra no *studio* achando que o Bruno inaugurou o espaço pra te receber. Exceto por um fio de cabelo na pia do banheiro. Como a pia é branca e impecável, o fio de cabelo parecia um cachimbo de crack esquecido ali – tudo bem, acontece. Bruno deixou mapinha da região, fofo e desenhado à mão, com museu, balada, restaurante, prédios históricos: entrei no site da prefeitura, na seção de dados e transparência pública, e descobri que, além de prédio histórico, a região do studio do Bruno teve um surto de Febre Chikungunya há dois anos; fiz as contas, e a probabilidade de pegar malária no ap. do Bruno é 13 vezes maior que em Oslo. Fica o alerta, galera! Bruno, obrigado pela hospedagem, super recomendo a todos os hóspedes, e não tem importância você não ter permitido antecipar o check-in em 20 minutos, o anúncio dizia 15:00, eu cheguei 14:37, acho que você deve ter tido suas razões, e espero que esses 20 minutos tenham mudado sua vida pra melhor.



Felipe Eduardo Lázaro Braga
É doutorando em Sociologia (FFLCH-USP), graduando em Filosofia. Escreve sobre arte contemporânea, arte urbana e matemática. Trabalha com pesquisa de mercado e opinião



Gabriel de Mattos
É arquiteto, professor universitário, autor de O Primeiro Filho e outras Narrativas, além de Volcanya Blues (com Ricardo Leite, o Ric Milk) entre outros, vem contando aqui na Pixé as lendas da imaginária Novo Paraíso do Norte.

O CRIME DE DONA ASTROLÁBIA

Yarandu. *Yarainduh* quando é um estrangeiro. Um estrangeiro que aparece aqui no Hotel Esplanada Tropical. Geralmente perdido, porque os achados descem no campo de pouso, que o pessoal da Colonizadora chama de Aeroporto. Aeroporto, há!

O senhor me entenda, não quero dar uma impressão equivocada. Sou apenas o segurança... Chefe de Segurança aqui do Hotel... do Hotel-perto-da-rodoviária! E trabalho de noite, que a noite é mais insegura, e acabo encontrando pessoas. O problema é que umas pessoas primeiro me contam coisas, desabafos, e depois outras pessoas perguntam, perguntam, escavocam. E eu, Yarandu, seu criado, fico no meio.

Como no caso da Dona Astrolábia. Caso que trouxe polícia da capital aqui para Novo Paraíso do Norte, naquele tempo que isto era um fim-de-mundos, um nada em construção. Na verdade, nem Novo Paraíso ainda: Arroio das Antas, um vilarejo esquecido... escondido, no meio da Amazônia. Da Amazônia ilegal!, que era o que era isto daqui.

Era da família Carrilhão, que tinha um fazendão aqui em cima, maior que o povoado de Arroio das Antas. A Colonizadora não conseguiu comprar a vila, fez a cidade de Novo Paraíso mais perto da estrada, da BR 163.

Dona Astrolábia Carrilhão era a solteirona da vila, alternando a janela do sobradinho da família com as missas na igreja velha. Todo mundo falava que ela ainda era bonitona, mas histérica e estranha. Era só do confessionário para a janela.

Mas aí apareceu aqui o Marcio Aurélio. Meio torto da vida, mas da família da Colonizadora. Dizem que veio fugido de lá do sul, enroscos com menina donzela e desfalque em investimentos familiares. Mas, mesmo assim era família, e da Colonizadora. Como já tinha desafetos até nuns primos daqui, acabaram locando ele em Arroio das Antas. Na praça. Perto do sobradinho dos Carrilhão.

Márcio Aurélio só vinha para as terras da Colonizadora para cobrar dos parentes um lugar nessa-merda-de-projeto-pioneiro e frequentar o esboço de bordel, que já tinha se estabelecido nas proximidades do núcleo original (que virou o centro da futuramente progressiva Novo Paraíso do Norte). Mas cedo descobriu que ia ficar de escanteio ou nas bordas do filé mignon da nova cidade.

Acabou que Marcio Aurélio trouxe os amigos tortos dele lá do sul e começou a mexer com tráfico de drogas. E acabou crescendo assim, longe do núcleo original, mas fornecedor daqueles venenos calmantes ou estorpe... estupi... estupefacientes (viu, conheço os termos legais!). Aí, com o passar do tempo, ele mesmo se afastou dos parentes da Colonizadora.





Mas isso tudo na mutuca, escondido. E ficou em Arroio das Antas. E muita gente diz que por causa de... Dona Astrolábia.

Aliás, lábia tinha ele, o Marcio Aurélio. E começou a cercar Dona Astrolábia, para desespero tanto do povo da Colonizadora quanto dos Carrilhão. Mas a solteirona acabou mesmo aceitando o flerte do sulista.

E aí são as conjecturas... como dizem.

O fato é que numa noite, finalmente, Dona Astrolábia foi convidada para a casa nova que Marcio Aurelio tinha feito na vila. Casa bonita, de material fino, onde ele "se escondia dos problemas", como disse para ela.

Dona Astrolábia nunca tinha conhecido um homem assim, que conversasse com ela, que fizesse a corte. E nessa noite ela contou. Contou tudo. Que não era solitária porque queria ou gostava; que vivia retraída porque, bem, há muito tempo, quando ela era inocente, o velho tio advogado na capital a levara para o quarto e fizera... aquelas coisas, sabe.

- Eu não gostei, eu não sabia... e não foi uma vez só. E ele sempre deixava bem claro que agora não adiantava mais, que ela não ia arrumar ninguém para casar. Que ninguém casa com quem já foi inaugurada. Dizia assim: inaugurada! E acabou que ele mesmo começou a dizer que eu era louca, e meus pais me mantiveram afastada. Eu chorava muito, Marcio Aurelio, chorava...

Marcio Aurelio nada falava.

- Mas agora eu encontrei você, e me disseram que você é vivido, e eu acho que você não se importa com isso, que agora seus parentes vão fazer uma cidade melhor que Arroio das Antas, e a gente pode começar de novo, novo tempo... porque eu te amo, Marcio Aurelio.

Marcio Aurelio não falou nada. Atacou.

- Já que está inaugurada, vamos aproveitar a porta aberta!

A arma que apareceu no cenário ninguém sabe se era dele ou dela. Mas Dona Astrolábia descarregou duas vezes em Marcio Aurelio. Descarregou pelas várias solteironas enganadas e abusadas pelos figurões das famílias, descarregou pelos sonhos semeados e destruídos pelos covardes que assistem, ou querem aproveitar também, descarregou pelas meninas velhas que são essas mulheres de olhos secos que exibem suas desesperadas esperanças nas janelas dos sobrados e dos puteiros. Descarregou e voltou pra casa a pé, com o revólver fumegando na mão crispada.

Bom, é claro que nem Carrilhões nem o povo da Colonizadora, queriam muita propaganda sobre isso. Não adiantou vir polícia da capital: virou acerto entre traficantes ou similar. Melhor enfiar Marcio Aurélio num lugar discreto no novo cemitério da nova cidade; e nem no mausoléu da família, mais para longe da entrada ornamentada.

Dona Astrolábia, essa guardou o revólver, exigiu seu pedaço do patrimônio familiar; dizem que negociou bem. As meninas Carrilhão é que defenderam ela, que peitaram os mais velhos, que não deixaram que esquecessem, que começaram a desconfiar dos ramos políticos, judiciários e até eclesiásticos da família. E mesmo o povo miúdo de Arroio das Antas contava a história como estória, como lenda. Ela ficou um tempo numa casinha dela, ajudando quem pedia, contando sua sina, exigindo das visitantes que exigissem mais da vida e dos outros, que sempre tinha um revólver que aparecia para calar as injustiças. Depois sumiu num ônibus, daqueles primeiros que colocaram aqui na rodoviária.

E se a gente não sabe onde ela foi parar, a gente imagina, a gente deixa ela na imaginação. O que eu sei é que já tem um povo aí mais ao norte que está rezando, fazendo novena para Dona Santa Astrolábia do Norte. Se você quiser tenho até aqui no bolso a oração aprovada pelo sínodo...





Giana Benatto Ferreira
É cronista e contadora de casos do cotidiano, começou a escrever após completar 50 anos de idade. Tem seis livros publicados – individual e coletâneas – em prosa e poesia. Nas redes sociais fala sobre maturidade, artes, meditação.

CALÇOLA DE ALGODÃO DA PODEROSA

Quem olha para essa mulher-menina poderosa, recebendo prêmios internacionais, amiga de todos os famosos das artes, música e moda mundial, dona de seu corpo e sensualidade, não imagina que mantém a simplicidade de dormir comigo, uma calçola de algodão, como se fosse a peça mais importante do seu guarda-roupa. Assim como atletas afirmam ter as suas cuecas de sorte, ela tem a sua calcinha da normalidade.

Vista em jatinhos fazendo caras, bocas e bundas, sua persona foi bem focada em onde a menina almejava chegar. Pode estar envolta em diamantes como também em pulseirinhas de praia, fitinhas do Senhor do Bonfim.

Permaneci com ela nessa jornada. Eu e as milhares de lingeries de renda, seda, de anjos secretos e um sem número de brilhantes referências. Só que como uma amiga confidente, na qual se acredita fielmente, permanecemos juntas. Nas noites em que busca ou necessita desvestir o mito, a cantora-empresária-modelo-apresentadora, e voltar a ser a adolescente sonhadora saída do subúrbio, ela encontra essa identificação comigo.

Eu sou a âncora. A envolvo como um abraço amigo; guardo seus tesouros do corpo: sexo e bunda. Não cubro nada, apenas protejo com minha maciez desgastada pelo tempo. A faço recordar suas raízes ao mesmo tempo que, justamente por saber de onde veio, ela quer mais – quer e merece o mundo todo. A mente e a genialidade, os outros tesouros – ah, esses descansam poucas horas do dia! Estão sempre ativas, maquinando o próximo passo da carreira, de dança, da vida.

Sua lista de fãs alcança milhões, tal qual o valor da sua marca pessoal; dos homens e mulheres que dividem seus lençóis em noites quentes ou apenas comendo pipoca na cama e assistindo filmes, só ela sabe. Mas por detrás dessa vitrine toda, há a mulher organizada, a faxineira, a gerente, a vendedora, a garota do marketing, a agente, a moça do cafezinho, a CEO. Todas elas vestindo a calçola de algodão enquanto dormem.

Quando dorme sozinha, leva consigo seus cachorros... Sei lá se se pode dizer cachorros e não pets. Adotados, presenteados, comprados, eles são a festa dela, e ela, a deles. De raça ou de rua. Fico até com medo de me rasgarem de tanto que pulam nela de felicidade. Eles se combinam, todos têm seus momentos briguentos e os de calma. Permanecem em silêncio quando ela pede e fazem muita bagunça quando permite.

Você pode ter me visualizado de cor forte, talvez um vermelho desbotado agora, mas pense: se a acompanho desde o começo da carreira, por que você não me imaginou com personagens da Disney ou apenas colorida como meias infantis?

Nada pode impedi-la de ser foda, de usar sua sexualidade nas danças e na vida real. Quem a chama de baixa, puta, vadia e outros “simpáticos” adjetivos, estou certa, se corrói de inveja ou de medo desse ser, da mulher que é e representa.

Ela dorme feito criança. Deita e apaga. Solta os cabelos e corpo em lençóis de mil fios, em quartos dos hotéis mais luxuosos, em camisolas das marcas mais renomadas ou bordadas pelas monjas virgens do Tibet, tomando água da fonte mais exclusiva das geleiras mais longínquas. Ela chegou aonde queria. E chegou lá comigo.

A menina, a personagem e a mulher se resumem num só corpo envolvido em meu algodão colorido largo, de elásticos já afrouxados que não marcam as mudanças pelo tempo. Ela se olha no espelho apaixonada com o que vê. Imagina um novo projeto, mentalmente mede a distância de onde está até o resultado e vai!

Ela sempre foi. Por isso é hoje dona de si e do mundo ao seu redor.





Helvio Moraes
Possui Mestrado (2005) e Doutorado (2010) em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Realizou estágio de doutorado na Università di Bologna. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, credenciado (docente permanente) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL, com sede em Tangará da Serra. De fevereiro de 2015 a fevereiro de 2016, foi visiting professor junto ao Dipartimento di Scienze Politiche e Sociali da Università degli Studi di Firenze, Itália. Publicou o livro A Cidade Feliz (Ed. da Unicamp, 2011), que compreende o estudo e a tradução comentada da utopia de Francesco Patrizi da Cherso. Na carreira artística, lançou recentemente o álbum musical "Profano Absoluto".

NOTAS SOBRE O TRÁGICO DE MEADOS DO SÉCULO XX À CONTEMPORANEIDADE

Uma das grandes reviravoltas nos estudos sobre o trágico no século XX e na contemporaneidade foi a definitiva inserção dos impasses e infortúnios do homem comum e da vida cotidiana como temas centrais e incontornáveis para uma concepção trágica de mundo. Esta nova perspectiva desbarata uma longa e consolidada teoria do trágico que, pelo menos até meados do século XX, defende com veemência a ideia de que o protagonista trágico deve possuir estatura nobre (que os tradicionalistas radicais leem como "ocupar uma posição social de eminência"), deve passar pela experiência de um conflito extremamente doloroso e incomum, jamais originado, dada sua singularidade e intensidade, dos acontecimentos frequentes de sua vida cotidiana. As bases para se pensar o trágico na experiência da vida comum já haviam sido abertas por alguns romancistas e intelectuais do século XIX, como Lessing, Thomas Hardy e Herman Melville, para citarmos apenas alguns. Contudo, creio que a tríade de dramaturgos estadunidenses composta por Eugene O'Neill, Tennessee Williams e Arthur Miller, foi capaz de consolidar esta ideia, no espaço mesmo onde a noção de trágico se desenvolvera e se firmara, e ao redor do qual as discussões mais acaloradas orbitavam: o teatro. Não por acaso, o mais jovem dos três, Arthur Miller, publicou no *The New York Times*, em fevereiro de 1949, um importante ensaio intitulado "A Tragédia e o Homem Comum", uma defesa vigorosa da possibilidade de compreendermos o trágico num mundo onde não mais existe um centro aglutinador e uma figura humana a personificar o sentimento trágico de mundo. O trágico, em sua visão, estende-se a qualquer personagem que "esteja pronto para entregar sua vida, se necessário, para garantir seu senso de dignidade pessoal". Em uma passagem esclarecedora, que terá ressonâncias em estudos posteriores, Miller afirma crer que o homem comum é "tão apto como assunto para a tragédia em seu sentido mais alto como os reis. Sendo assim, isso deve ser óbvio à luz da psiquiatria moderna, que baseia sua análise em formulações clássicas como os complexos de Édipo e Orestes, por exemplo, que foram encenados por seres nobres, mas que se aplicam a todos em semelhantes situações emocionais". A luta total e sem reservas, baseada na "vontade indestrutível do homem de alcançar sua humanidade", deve ser, para Miller, o "fio brilhante da nossa história", que nos conduz ao único lugar a que ela pode nos levar em nosso tempo: "o coração e o espírito do homem comum".

Esse choque entre uma visão tradicionalista, com seus heróis monumentais e aristocráticos, e uma visão mais "democrática" do trágico perdura ao longo de todo o século XX, a ponto de Terry Eagleton, num estudo que data de 2003, dedicar todo um capítulo à questão, concluindo que os "heróis e heroínas trágicos podem agora ser encontrados flanando em qualquer esquina, pois o destino de cada indivíduo torna se, em princípio, tão precioso quanto o de todos os outros, e a sua crise histórico-global ameaça abalar a minha também. Para a modernidade, sem dúvida, alguma coisa, mais do que isso, pode ser necessária. Para alquimiar os metais básicos da vida diária no ouro puro da tragédia, talvez seja necessário pegar esses homens e essas mulheres e empurrá-los ao extremo limite de sua capacidade de resistência". Partindo, portanto, desta mudança de perspectiva, exponho a seguir os principais pontos que dela decorrem e que podem ser fartamente encontrados na produção literária da contemporaneidade.

1) Tragédia e experiência (pessoal e coletiva). Raymond Williams abre seu monumental *Tragédia Moderna* com uma série de questionamentos sobre a relação entre tragédia e experiência. Para o autor, é preciso investigar a relação entre a tradição da tragédia e o tipo de experiência que estamos sujeitos em nossa própria época. Ao contrário de receber passivamente aquilo que foi sancionado pela tradição, é preciso compreender a "estrutura de sentimento" do momento histórico em que vivemos e, a partir dela, definir as novas configurações do trágico. Como, por exemplo, negar tragicidade à vida de homens e mulheres reduzidos ao silêncio e à ignorância por uma estrutura social que opera cada vez mais pela exclusão? Como não aceitar a tragicidade ao fundo da violência e das formas inauditas de opressão, em um século lacerado por tantos conflitos de proporções mundiais?

2) O protagonista como vítima trágica. À antiga noção do herói consciente de seus atos e responsável por suas consequências, a nova teoria do trágico, ao privilegiar os conflitos do sujeito comum, acaba por contrapor uma noção radicalmente diversa, embora não exclusiva: a do protagonista como vítima trágica. Um amplo conjunto de textos literários dos mais variados gêneros desenhará a imagem de uma ordem social não apenas iníqua e equivocada, mas como uma estrutura dinâmica e poderosa que pode destruir tanto quem a ela se contrapõe como quem dela participa, indistintamente. Em muitos desses casos, a sociedade não é o inimigo que o protagonista tenta combater, uma vez que sua experiência trágica deve-se ao fato de justamente aceitá-la como boa ou ideal, ou pelo menos desconhecê-la de certo modo. Sendo assim, o protagonista é antes vítima trágica, ainda que lute por manter-se vivo, do que o agente que mede forças com uma força que lhe oprime e lhe supera. Tal é o caso de Willy Loman em *A morte de um caixeiro viajante*, de Miller, que, justamente por incorporar o "sonho americano", acaba sucumbindo a ele. Em certo sentido, a noção aplica-se também a romances distópicos como *Nós*, de Zamiatin, e *1984*, de Orwell, cujos protagonistas, durante boa parte de suas vidas, jamais questionaram a ordem social vigente. Há um momento de crise e rebeldia, mas tal é a força do sistema, que eles rendem-se, praticamente aniquilados. Por fim, o mesmo pode ser dito da situação hedionda

de Ruth, Kathy e Tommy em *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro, apenas três de um contingente enorme de clones criados para suprir futuras deficiências orgânicas de "não-clones". A possibilidade de se compreender o protagonista como vítima trágica coloca em xeque outra célebre noção da teoria do trágico: o reconhecimento. Para os conservadores, é preciso que o protagonista trágico, em algum momento da narrativa, tenha consciência do resultado de seus atos e aceite a punição pela transgressão feita à lei ou a determinado limite que lhe foi imposto. Na teoria clássica, podemos perceber que este é o ponto culminante do enredo, a partir do qual dá-se a queda do herói. Aos protagonistas que cito acima tal noção não pode ser aplicada. Às vezes, morrem ou continuam suas vidas miseráveis sem ter a mínima consciência da tragicidade da situação em que se encontram. Em casos assim, cabe a quem está de fora, o leitor ou o espectador, compreender a dimensão trágica da narrativa.

3) Convulsões políticas e sociais. Outra manifestação do trágico, a partir de uma estrutura social perversa, ocorre em algumas narrativas que se fundamentam sobre convulsões sociais. Raymond Williams salienta que, observadas e sentidas como passado, as convulsões sociais ganham contornos épicos, que acabam por se sobrepor, pelo ocultamento de sua face trágica. Para o autor, a revolução bem-sucedida instaura uma nova condição necessária da vida, que legitima e enobrece o sofrimento passado; é a origem de um corpo social renovado, e, assim, não trágica, mas épica. Contudo, o movimento revolucionário em si, desde os fatos que lhe deram origem até a sua conclusão, e não apenas um momento de crise aguda, é repleto de histórias de resistência, confronto, silenciamento, opressão e sacrifício que, compreendidas na imanência do presente revolucionário, revelam seus contornos trágicos. Terry Eagleton, ao comentar o livro de Williams, afirma que o autor consegue, com a noção de revolução e todos os termos que a ela se vinculam, como desobediência, insubmissão, etc., "traduzir uma das linguagens trágicas mais antigas – a noção de sacrifício – no mais premente dos termos contemporâneos, pois sacrifício [...] relaciona-se com a necessidade de nos rendermos ao que vemos como inexprimivelmente precioso [...] em nome de algum valor maior; e jamais será possível dizer se a barganha terá valido a pena."

4) O contraste entre uma esfera pública tragicofóbica e uma esfera privada tragicofílica. Hans Ulrich Gumbrecht afirma que as sociedades contemporâneas possuem instrumentos que lhes "permitem remover todo e qualquer potencial de tragédia do espaço público", transferindo o problema para a esfera privada. Ainda que virtualmente, a sociedade cria instrumentos e recursos que atendem a inúmeras demandas do sujeito contemporâneo, desde a assunção de um novo corpo e uma nova identidade sexual até um novo modo de se lidar com a questão da "culpa", criando instituições públicas e práticas legais que a substituem – a compensação financeira em casos de divórcio, a atribuição de responsabilidade ao Estado por crimes antes atribuídos ao "sujeito delinquente", etc. Como resultado, questões cruciais que deixam de ser expostas e vividas em espaço público parecem tornar-se pesadelo quando deslocadas para o espaço da intimidade, como prova o crescente interesse pelos procedimentos terapêuticos da psicologia e da psicanálise.



COELHO

A capela precisava ser concluída. Programou-se uma grande festança, com direito à pescaria, leilões e muita cuca com linguiça.

Feitas novenas e tríduos, foi aconselhado de todos virem, no dia, com o bolso recheado de dinheiro. Apareceram inúmeras doações: um porquinho, cabrito, burro e um coelho. É deste que vamos propriamente tratar.

Um leiloeiro famoso solicitou ao Andrada que segurasse o coelho (não era nenhum mini e sim um cabeça de leão grandalhão) e o mostrasse enquanto ele cantava o leilão: Quem dá mais...?

O Andrada, meio contrariado, deixou a querida namorada sentada à mesa, enquanto ele pegava o quadrúpede à moda de criança. Iria dar sua contribuição para o divino desta forma, ainda mais que estava com pouco dinheiro. Ele deveria dar o lance inicial de duzentos para o leiloeiro entrar em cena. Foi incrível a aceitação na hora da primeira rodada: 300... 400... Quem dá mais? 500 e ... dou-lhe uma, duas, três... o coelho é seu. O ricaço pagou, mas devolveu o bicho para o Andrada.

--Façam outro leilão, afinal é para a igreja. Feita a segunda rodada, começou com 200 e foi até 400... Gente o negócio pegou fogo... Todo mudo torcendo... Terceira rodada... até a sexta rodada.

E o Andrada cansado de segurar o animal que já lhe manchara a roupa toda.

Então o leiloeiro entoou a sétima rodada, que seria a derradeira;

– Andrada, você começa alto que desta vez vamos a mil. Andrada começou:

– Dou-lhe 300... Quem dá mais? E ninguém falou nada... Silêncio inquietante...

O leiloeiro então melancolicamente encerrou:

– Dou-lhe uma, duas... e três... o bichinho é seu, Andrada! Parabéns!

Nosso amigo quase desmaiou. Só tinha 250 no bolso.

Foi até a namorada, mostrou a conquista queridinha e pediu:

– Você não pode emprestar 50 reais para eu pagar a oferta, afinal quem empresta a Deus, recebe em dobro.



Ireneu Bruno Jaeger
Ocupa a cadeira nº 1 de Academia Sinopense de Ciências e Letras. É um dos fundadores da mesma. É professor aposentado da Universidade do Estado de MT. Publicou poesias, crônicas literárias e um romance. Recebeu Moção de Aplauso da Câmara de Vereadores e da reitoria pelo histórico da UNEMAT do Estado e do Campus de Sinop. Ao todo publicou 14 obras. É catarinense de nascimento e mato-grossense de coração desde 1977.



Juçara Naccioli
É graduada em Letras – Literatura e Especialista em Teoria e Prática da Língua Portuguesa, ambos pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atua como professora de Linguagem há 23 anos. Poeta integrante do Coletivo Maria Taquara - Mulherio das Letras/MT e Coletivo Parágrafo Cerrado, pelo qual faz leituras de cenas de peças teatrais. Atriz. Professora de Oratória e expressão pessoal. Foi finalista do Prêmio Off Flip 2019 (poesia).

BANQUETE AOS COMENSAIS

Língua em movimento lento, ar tépido, úmido, articulação perfeita. Fluidez do sussurro inteligível pelo carmim infinito. Lábios carmins e lóbulo. Fluidez do inesperado imperativo “Não”. Respiração ofegante, pupila dilatada, estímulo provocado pelas sensações visuais e auditivas. As curvas excitam, o “Não” estimula.

Pulsação. Cérebro latejante.

Ao cruzar o *foyer*, as formas curvilíneas e a ginga dos quadris avantajados causaram desconforto aos convidados. Quadris desconhecidos, potencializados pelo inebriante rastro de suntuoso perfume. De quem seriam os extraordinários seios que atravessavam o salão?

Sem dúvidas a pele macia e perfumada seria mais saborosa que o jantar servido aos nobres ali presentes.

A boca volumosa tinha inegavelmente valor mais estimado que as placas que seriam entregues como prêmio de reconhecimento ao seleto grupo de intelectuais daquela noite opaca e sem vigor.

Os olhos semicerrados do requintado salão procuravam cúmplices para celebrarem o banquete dos comensais.

Nas proximidades da mesa formava-se instintivamente o balé de movimentos discretos e precisos dos machos dominantes, desejo de atenção da misteriosa dama.

Inúmeros eram os questionamentos que surgiam em torno da degenerada. Estaria à espera de um figurão da alta sociedade? Ou no aguardo do convite de algum dos presentes? Por que estaria ali entregue a todos e a nenhum? De quem seria o corpo sem dono da festa? Quanto custava?

Ela, elegante, bem ajustada em requintada veste. O longo e comportado vestido trazia o azul, prenúncio da noite enaltecida pela sutileza do prata. Jóia de raro valor.

À espera da taça de vinho discretamente analisava e tipificava cada espécime. Elencava todos, dos mais próximos aos mais distantes, aqueles que ainda estavam sentados à mesa com suas herméticas famílias à tiracolo.

Elite degenerada.

A mesa reservada à jovem senhora parecia estar em posição privilegiada. De lá a visão completa de cada canto do salão. Vista para todas as mesas. Em um zoom preciso o olhar era capaz de captar cada fisionomia desagradada de sua presença. *O seu vinho, madame! Posso servi-la em mais alguma coisa?* Perguntou o *maitre*.





O perfume da mulher não dava trégua, tomou conta do ambiente, pairando como névoa tóxica invisível. Feromônio.

As honrosas senhoras podiam sentir, assim como seus digníssimos, o desejo impregnado no íntimo das suas genitálias. Batimentos descompassados. Entorpecimento.

Desejavam com fervor sexo demorado e lento, imoral e ilegal com o corpo robusto da meretriz. Queriam tudo e mais. Queriam aquilo que nunca lhes havia sido proporcionado.

Sem entender muito bem, as adoráveis percebiam que invadiam os pensamentos mais íntimos de seus cônjuges. Queriam o ato ali, o coito puro sob à vista de todos. Dominação. E viam o fim adiantado, a retomada de consciência com ar triunfante, o cansaço de pós-gozo e moral incólume.

De onde vinham esses pensamentos, de quem eram essas sensações?

Mentes crochetavam escabrosidades acerca da desconhecida. Resultados de amores frustrados, talvez. Solidão entre universos. Inaceitáveis fracassos familiares.

A questão não era estar ou não confortável naquele lugar; aliás, as circunstâncias não traziam nada de novidade. A distinta tinha objetivos traçados para a noite. Ao que se percebia já tinha certa afinidade com os olhares de flerte e fuzilamento. Incômodo algum, menos ainda sobre os olhares desafiadores.

Nem as centenas de luzes brancas, nem a suavidade da música clássica orquestrada, nem o som dos brindes das taças servidas dos melhores espumantes e vinhos eram capazes de capturar a atenção dos falos que estavam voltados para ela. De ímpeto, um deles se aproxima. Se reservou ao direito de não pedir licença e não se apresentar - *O que vc quer para ficar comigo essa noite?*

Aproximou-se um pouco mais, sentiu o perfume dos cabelos cacheados e volumosos, tocou-lhe a nuca e junto ao seu ouvido sussurrou. - *O que você quiser*.

Em seguida, colocou o seu lóbulo próximo aos lábios dela à espera de resposta que o satisfizesse.

Língua em movimento lento, ar tépido, úmido, articulação perfeita. Fluidez do sussurro inteligível pelo carmim infinito. Lábios carmins e lóbulo. Fluidez do inesperado imperativo “Não”. Respiração ofegante, pupila dilatada, estímulo provocado pelas sensações visuais e auditivas. As curvas excitam, o “Não” estimula.

Pulsação.

Cérebro latejante.

Deu um leve sorriso e soltou a nuca. Ambos mergulharam e encontraram-se na profundidade dos olhares. Um brilho incomum do olhar feminino roubou-lhe a alma.

O cheiro do vinho misturado ao perfume dela provocou leve vertigem.

O olhar de castanho penetrante e frio afastou qualquer possibilidade de retomada de diálogo. Ordem cumprida. O homem ficou inerte enquanto a dama atravessava o recinto.

Silêncio.

No chão de taco, uma onda vibratória de efeito hipnótico causada pelo som fino e seco dos saltos da sandália tomou conta dos espectadores daquele incógnito torso, agora parado à porta de saída.

Soltou um leve sorriso de carmim. Desceu as escadas e foi embora.

Egrégora.

Para trás ficaram gravatas e cintos afrouxados, vestidos desabotoados. Encontros de corpos nus desconhecidos.

Corpos sem donos.





Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

A CANTORA

Estava no bar quando ela chegou. Pedi mais uma cerveja enquanto a observava montar os equipamentos. Distraiu-se e quase derrubou o violão. Olhou-me e sorriu. Retribuí o cumprimento erguendo o copo. Éramos velhos conhecidos, mas nunca havíamos conversado, a não ser pelos bilhetes em que eu lhe pedia músicas. Pedi *D'yer Mak'er* por tantas vezes, que ela acabou incorporando a música em seu repertório. Pergunto-me se sabia quem lhe repetia incessantemente o pedido.

Era uma bela noite e o bar estava lotado. A cantora estava ainda mais linda do que de costume e a vi flutuar pelo bar. A voz dela fazia isso, possibilitava que flutuasse. Não há por que duvidar.

Começou cantando Engenheiros, foi a ACDC, Janis Joplin e, quando o garçom me trouxe a décima cerveja, iniciou minha canção preferida do Led Zeppelin.

Meses depois, estávamos em uma turnê pelo mundo. Eu a acompanhava, apenas admirando e fazendo anotações. Planejava um livro sobre a vida da cantora. Bebia minha cerveja, ela cantava e eu anotava, assim por incontáveis luas. Perdia-me naquele sonho real e com ela vivia na estrada, viajando. Embriaguei-me num show em algum ponto equidistante da América do Sul, e dei por mim deitado nu em uma confortável cama de hotel. A cantora abriu a porta do aposento e entrou, também nua. Trazia-me uma bandeja de café da manhã, com pão e cerveja. Não falava comigo e, ao invés disso, cantarolava D'yer Mak'er. Abrimos as cervejas e brindamos. Nosso doce-amargo beijo de cerveja aconteceu. Algo macio, porém, cobriu-me o rosto. Não conseguia respirar e me tiraram daquela realidade.

Tarantino, o gato do bar, ronronava sobre a mesa e se encostava em mim, procurando carinho. Estava de volta à minha mesa solitária. A cantora já havia partido há muito tempo, mas, em algum lugar, nossa turnê mágica continuava.









Sandro Giordano
Guest artist

BIOGRAPHY

Born in Rome on October 6th 1972. Sandro studied set design at the "Istituto per la Cinematografia e la Televisione Roberto Rossellini" in Rome. Immediately after graduating he began working as a light and sound engineer in Roman theatres. In 1993, he studied acting in one of Rome's best private schools and the following year he began his professional career as an actor with directors such as Luciano Melchionna and Giancarlo Cobelli on stage and Dario Argento, Davide Marengo, Carlo Verdone and again Melchionna on film. Since October 2013, Sandro has been entirely devoted to the photographic project IN EXTREMIS (bodies with no regret).

My photographs are “short stories” about a world that is falling-down. Each shot tells about worn-out characters who, in a sudden black-out of mind and body, crash with no attempt to save themselves. They are unable to, because of the fatigue of the everyday representation of living, oppressed by appearance instead of simply existing. We live in a distorted world of plastic surgery, which perpetuates stereotyped images that feed a preset marketing model. I believe that perfection is in imperfection.

It is in strong contrasts, in frailty, and in the humanity that makes each individual different from the rest. I hide the face of my characters in order for their BODY to speak for them. This fall is the point of no return. There’s a saying “you must hit rock bottom to start over”. The FALL of my characters is their HITTING ROCK BOTTOM, as they’ve reached their LIMIT beyond which their FALSE SELF cannot go. Each of them saves an object, they hold it in their hand and it symbolizes this falsification. This pretence is represented not only by the objects but also the clothes, the hairstyles and the location! Everything that is visible in the picture represents their pretence while the smashed BODY expresses the TRUTH, which has to, in fact, crash to be told! I never use dummies in my shots.

I use professional actors who are able to interpret what isn’t visible with their bodies, because I want the invisible to be visible. Since I was a child I’ve always loved films by Charlie Chaplin and Laurel and Hardy because they made me laugh. In their films we often see terrible things happen to the characters, serious accidents... THE FALL... The instinctive reaction is bewilderment and awkwardness towards the unlucky fate of the character but then that same awkwardness breaks into a liberating laugh. This is the effect I wish to recreate through my photographs: tell tragedy through irony. A broken down humanity that I look to with fondness and attachment and from which, I myself, don’t feel excluded from.

It is this feeling of empathy that allows me not to judge but to share the stories I tell, in the hopes that, if I manage to get a laugh out of a spectator, this be a favourable auspice, one of believing in a better and more AUTHENTIC future. That laugh, finally, is a REVELATION.

SOLO EXIHBITION

2019
Sturni 1925 – IN EXTREMIS (bodies with no regret) – Roma, Italy

2018
In Focus Gallery – IN EXTREMIS – Köln, Germany
FITT – IN EXTREMIS corpi senza pentimento – Tarragona, Spain
Interface Hub/Art – IN EXTREMIS (bodies with no regret) – Milano, Italy

2017
Galerie Alexandre Guillemain – IN INTERIORS (style with no regret) – Paris, France
Festival della Disperazione – IN EXTREMIS (bodies with no regret) – Andria, Italy

2016
Palazzo Saluzzo Paesana – IN EXTREMIS (bodies with no regret) – Torino, Italy

2015
LIFE Gallery – TRIPPING Sandro Giordano – New York, USA
Art22 Gallery – IN EXTREMIS (bodies with no regret) – Bruxelles, Belgium
UGC Art Box – Artiste à la une – Bruxelles, Belgium

2014
B Gallery – IN EXTREMIS (bodies with no regret) – Roma, Italy
Willem3 – IN EXTREMIS Sandro Giordano – Vlissingen, Holland
Cenerentola – IN EXTREMIS (corpi senza pentimento) – Torino, Italy
Candido 1859 – IN EXTREMIS (corpi senza pentimento) – Maglie, Italy
Caffè Letterario – IN EXTREMIS (corpi senza pentimento) – Lecce, Italy

EXISTIR FLOR

As escolhas bebem de saberes construídos;
Em impérios, o amanhã é energias.
Homenagens póstumas a tempos idos;
Escolho a Flor mais bela para elegias.

Das escolhas, cenários em analogias!
Atores autores embevecidos
Da essência Flor, a Bela, vigias.
Passos e compasso? Comedidos!

Escolho você, querida Florbela,
Cenário para minha aquarela,
Para amar-te até o futuro.

E quando beijos tocarem tua face
Impérios íntimos em interface...
Serei o teu porto seguro.



Leni Zilioto
É gaúcha radicada em Mato Grosso, com o título de cidadã mato-grossense. É curadora para exposições, organizadora de obras e coordenadora de projetos em audiovisual. Mestre em Gestão e Auditoria Ambiental, é bióloga, palestrante, mentora literária e escritora, com 20 obras publicadas e participações em coletâneas. Recebeu títulos, homenagens, moções, medalhas e outras honrarias de mérito literário e cultural. Membro de diversas academias e associações literárias, Leni possui várias obras premiadas a nível nacional e internacional.





VIDAS NEGRAS IMPORTAM

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, ela era a princesa da casa, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, quinze, uma vida inteira pela frente, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, ele era o cestinha do nosso time, vinte, vinte e um, vinte e dois, foi a primeira da família a entrar para a faculdade, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove, trinta, trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro, tinha orgulho do pente garfo no black, trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove, quarenta, quarenta e um, deixou três filhos e uma esposa, quarenta e dois, quarenta e três, quarenta e quatro, quarenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete, negro, preto ou pardo? Dava aula! Quarenta e oito, quarenta e nove, cinquenta, cinquenta e um, cinquenta e dois, cinquenta e três, cinquenta e quatro, cinquenta e cinco, cara de bravo, mas coração gigantesco, cinquenta e seis, cinquenta e sete, estava desarmado, cinquenta e oito, cinquenta e nove, sessenta. Vidas negras importam. Sessenta e um, sessenta e dois, sessenta e três, sessenta e quatro, sessenta e cinco, sessenta e seis, estou cansado, sessenta e sete, sessenta e oito, sessenta e nove, eu não consigo respirar, setenta mais dez. OITENTA. Tiros, pauladas, asfixia, eu não con-si-go res-pi-rar.



Lilian Barros de Abreu Silva
É paulistana, professora, leitora, escrevedora e graduada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), onde, atualmente, é doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa.

ENQUANTO RENDA

Enquanto renda, não diga a ela que dia da semana é. Pois é dito como grosseria; querer medir em pressa o milagre de tecer os dias, como se não se soubesse cada veio que o perpassa em hora de labuta ora de descanso ou ainda como se não fosse esse dia próprio andar inevitavelmente à caminho da terça, à caminho da idade, à caminho. Não resta tempo. E tempo, acreditava ser uma medida essencial pro batismo do que se diz amor. Tempo é rendar um tecido, render uma lasca, bordar os batentes de cada coisa inadiável. Quando se tem afeto, faz-se tempo. Rendar. Render.

Que dali uma mulher passando a janela, vendo-a disse: me ensina a fazer renda, que te ensino eu a namorar. Pensaram, uma d'um lado e outra d'outro, em aprender algo nunca antes visto, de categorias distintas do saber. Desconfiadas, pois era difícil acreditar que mãos diferentes dariam o mesmo ponto ainda que a agulha fosse igual, isso pra costura, também pro amor. Difícil porque ambas miravam o entender da coisa como uma virtude. Dom dado antes de nascido. Era mais como trocar uma caneta por um pássaro na esperança que tivessem a mesma função.

Lecionaram arrebatadas pelo acaso de que era raro distinguir a temática das aulas. As frases repetiam-se, a medida era o tempo. Desfazer o ponto, depois refazê-lo. Dizer algo que enverga milimetricamente o tecido, a alma, a calma. Desfazê-lo. Como se fosse possível, além de provável, enfeitar cada cômodo da casa, cada pano de prato, com essa matéria. Rendar, render. Como se fosse ali, aos poucos aparecendo algo que se pode chamar de alguma outra coisa além do encontro constante de linha e agulha, pessoa e pessoa. Como descobrir que o canto do pássaro na verdade registra o dia, tinteiro azul assemelhadamente distinto da caneta. Como descobrir que bordar uma relação é fazer o tempo que passa rejuvenescer quando adentra.

Não falemos que dia da semana é hoje. Como se não fosse um milagre tecido em veios de mistério ou ainda como se não fosse ele próprio andar inevitavelmente à caminho de nós mesmos, à procura de quem acha. Ainda que não reste tempo, é uma medida essencial pro batismo do que se diz amor. Tempo é rendar uma lasca, render um tecido, amar os batentes de cada coisa inadiável. Quando se tem amor, faz-se tempo. Quando se tem tempo, faz-se amor. Eis que rendar, rendeu-a amor.





Luane Nigro Sato
Numa forma poema prosado, conto-poema ou outro molde a intitular um eixo pouco específico, Lua Nê atriz, musicista, professora e escritora latinoamericana, pauta sua poética no quotidiano afetivo, como mulher, lésbica, amarela e no lugar da palavra do lúdico ao biográfico. Tem seu primeiro conto publicado em 2021 (Editora Unesp) e sua primeira obra "O arroz é o maior lugar da casa" em 2022 (Editora Multifoco).

SENTIDO

Aos poucos
algo surge em meio ao emaranhado de palavras.

Como um bicho se desenrolando,
como uma coisa que busca um caminho
por entre a folha em branco.

Então rompe um rumo,
um desenho,
uma arquitetura sobre o papel
e dá forma ao que não tem forma,
cor ao que não tem cor:

nunca pensei
que alguns rabiscos
pudessem fazer algum sentido.



Luciano Lanzillotti
É doutor em Literatura Brasileira pela UFRJ, autor de Geometria do Acaso, Editora Dialética, 2021.







Luiz Marchetti

O cuiabano Luiz Marchetti, 55, é cineasta, roteirista, curador e produtor. Formado na CAL Casa de Artes de Laranjeiras, Rio de Janeiro, graduado em Belas Artes na Central Saint Martins, Londres e Mestre em Artes pela Westminster, Londres. Em Cuiabá dirige há 16 anos o CALM, Centro Audiovisual Luiz Marchetti. È autor de diversos roteiros para cinema e peças de Teatro.

O SARAU DA LUCIENE

Foi assim no ensaio
Está na dramaturgia
Por entre as paredes do camarim
No murmúrio do saguão
Na testa
Na atriz suada
Em você e em mim
Na avenida Getúlio
Em quem veio antes,
No futuro da gurizada

Na pintura da rotunda
No cenário de quintal
Na boca e na bunda
Em cidade, quilombo e oca
nas nuvens do teatro de rua
Na praça da mandioca
E no chão

Foi marcado no ensaio
Minha voz veio da coxia
Público ainda na escadaria:
É hora de apagar a luz

Tava acertado na dramaturgia
A cidade começou a escurecer
Não tem buzina, não há stress
Nenhuma raiva,
nem um pingo
Diminui o trânsito...
Agora!
Entra em cena: Domingo!

Quando o eclipse chegou ao porto
A plateia já estava em pé
Três tempos num mesmo instante.
Insana visão saudável: nudez diamante.
Você é desejo de quem você é.

No breu prata olha quem vê pra dentro.
Tem quem franze o rosto e tenta arrumar a rima
Tem quem inspira mais e ainda mais se anima

No escuro brota um ponto.

Reflexo igual espelho d'água
Rosto de mãe contente
Teve quem viu a Hend,
a tia vizinha apareceu,
Choro na parentada
eu ouvi a voz de Marília
E um pino acendeu...
assim...do nada

Mesmo num Estado à escura
Com ossos servidos à luz de loucura
A plateia segura o ar e...flutua

Já são centímetros acima do chão
O porto enche de gente transparente
Capim cidreira amassado na mão
Flutua...
Tem personagem/ Tem gente nua

E como promessa de boi sangrando,
pra atravessar o espetáculo
Um repertório de inspirações vibra em toda Cuiabá:
Abre o coração e o ponto de luz é ela

Luciene cintila.

E nessa eminência de mágica
Como promessa de ensaio
A peça chega ao povo
Em pleno mês de maio
Toma aí o ano novo!

Prende mais a respiração
Ergue alto e mais ainda
Longe da carne e das roupas
Centímetros do chão
Brilha lua de sangue: linda!

Cintila monômio unânime
Reunião flutuante da cidade
De coração aberto Ela averba
Lu a lu.
Nossa Dona da verdade.



isto que em nós permanece
enquanto tanto se perde

isto que em nós resiste
ainda que resistir seja pouco, ainda que muitas vezes tenham razão os que desistem

isto que segue amanhecendo no meu e no teu olhar mesmo que por ora os olhos anoiteçam

isto que nos empurra ao encontro
apesar de toda despedida

isto, digo

que chamo de fogo
que chamo de ódio

de amor
de país

este chão de que nos erguemos

estes dias estranhos, em que nos vemos fazendo planos pra um futuro assim difícil de crer que haverá



Mar Becker (Marceli Andresa Becker)
Nasceu em Passo Fundo/RS. Tem formação em Filosofia e Especialização em Metafísica e Epistemologia. Em poesia, publicou duas plaquetes, uma pelo Centro Cultural São Paulo, Coleção Poesia Viva (2013), e outra pela Editora Quelônio, Coleção Vozes Versos (2017). A mulher submersa (Urutau, 2020, edições no Brasil e em Portugal) é seu livro de estreia.





para lixar a tinta na janela posta
é preciso tirar o brilho - portanto
é preciso observar de diversos
ângulos com diversos olhos e
lixar novamente com outra lixa
e depois com outra e depois
limpar antes de passar a primeira
demão de tinta.
assim também a vida, assim também
o amor
mas as lixas sempre acabam e a tinta
é sempre pouca.



Marcelo Labes
(1984) É natural de Blumenau e reside em Florianópolis-SC. É autor, dos romances Três porcos (Caiaponte, 2020) e Paraízo-Paraguay (Caiaponte, 2019) e dos poemas de Enclave (Patuá, 2018).

AS AVES QUEIMADAS DO PANTANAL

em noites de fumaça e fogo eu deito sem sono
noites em que me arrasto de um cômodo a outro
enquanto as paredes ardem sobre mim

a porta do quarto me engole, enfim,
mas já não posso dormir
preciso, a todo custo,
evitar um novo pesadelo

quando o silêncio da cidade vem pra dentro
quando os mortos do telejornal vem para perto
quando as matas deitam suas cinzas ao meu redor

quando as aves queimadas do pantanal
bicam minha pele em busca de algum alimento



Marli Walker
É escritora e professora. Ocupa a cadeira 02 da AML



DESTRATO

As palavras trotam
no campo das páginas
tratando o branco
com seus cascos

EXTRATO

O vento não sopra segredos
só varre poeiras do tempo
e aspira dos anéis os dedos

CONTRATO

Se o amor empenhar
a terra prometida
assino embaixo.



Marta Cocco
Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.





SÓ HOJE

Um poema no qual se possa entrar
com roupa de estar em casa
com sapato de todo dia, chinelo, descalço
com rosto inchado, cabelo noturno
e no qual se possa sentar, desavisado do sentar, com
um café
ou uma pilha de roupas
no mesmo canto de todo dia do sofá de todo dia
sem susto de visitas
nem de primos indesejados

Um poema no qual se possa entrar
não como vizinho penteado
mas como quem volta pra casa
com as distâncias ainda coladas ao pé
e, na cadeira desconfortável ou na poltrona,

por fim suspira –

Um poema no qual se possa chegar em casa



Matheus Guménin Barreto
É poeta e tradutor brasileiro (Cuiabá, 1992), editor da revista Ruído Manifesto. É autor dos livros A máquina de carregar nadas (7Letras, 2017), Poemas em torno do chão & Primeiros poemas (Carlini & Caniato, 2018) e Mesmo que seja noite (Corsário-Satã, 2020). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Leipzig e da Universidade de Salzburg na área de Língua e Literatura Alemãs, fez parte da graduação na Universidade de Heidelberg. Teve poemas traduzidos para o inglês, o espanhol, o alemão, o catalão e o italiano; e publicados em revistas no Brasil, no México, nos EUA, na Espanha e em Portugal. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 (França e Bélgica - Universidade Sorbonne) e a Giornata mondiale della poesia 2022 (Itália - Universidade de Roma).

CANÇÕES DE DIOTIMA III

À flecha de Eros, brindemos
cantemos entreaberta
dobra do gozo
cantemos a carnalidade
dos deuses
sacralizando as entranhas
dos humanos.

Esquecidos do incerto,
aceitemos o desejo incontido
na alucinação dos braços
eternizando o abraço.

Diotima cantava.

Ciosa do que não possuímos
a sacerdotisa cantava
a vida de Eros.
Ao impulso do beijo
antecipando o coito
o amado sugando-lhe os seios.

No sumidouro dos breus
a escuridão declinava
sob o crivo do desejo.

Quando tudo era *antes*.

DIOTIMA IV

Sob o ânimo solar,
meu felino púbis
de acelerado ânimo.

Aos silêncios do oráculo,
a noite guardava imagens
do outro dentro de mim.

Quem és, amorável visitante?
Quem és no tempo das lacunas?
Quem eras no tempo do desejar?
Quem foste no tempo dos mitos?

Resfolegando aos
sinais do amor,
meu baixo-ventre num
caudaloso fluir
a derramar-se entre as coxas.

E meus versos cicatrizavam
a penúria do vazio.

CANÇÕES DE DIOTIMA V

Ouvindo dizeres do oráculo
meu desejo ancestral animava
nos lábios do amado
madrigais da noite.

Seguindo a voz do oráculo,
os lábios de Eros anunciaram
a oferenda do corpo
conduzindo-me
à cópula.

E me beijarás a face
como se o tempo
quedasse nulo,
como se o amor se
fizesse imenso,
o tempo infindo e
doador contínuo
a fecundar de gozo a
célula de origem.

E a despertar em meu
leito, as mãos de Eros
tangendo-me as cordas do cio.

Ah! Se eterno fosse o amor.



Mirian de Carvalho
É Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde lecionou Estética nos Programas de Graduação e Pós-Graduação. Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA); da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA); da União Brasileira de Escritores (UBE) - RJ e SP, e do PEN *Club*. Participou da Comissão Cultural do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), de 2002 a 2010. Foi 2ª vice-presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), de 2002 a 2005. Nos dias atuais, dedica-se à poesia, à dramaturgia, à crônica e à pesquisa no campo da cultura brasileira. Publicou vários livros e, mais recentemente, ensaios intitulados *A carnavalização na arte poética de Oleg Almeida*. São Paulo: Livraria da Física, 2021 e, na poesia, A cama virtual. Rio de Janeiro: Synergia, 2021.





Trago as mãos perfumadas para o coração do poema
Elas
ornam minha caligrafia
Meu eletrocardiograma
revelou o seu nome
Ressuscitado
indiscreto
estrangeiro
Acordou
a poesia inexprimível
de estrelas suicidas que se apagam
Quando acariciadas
(ou cortejadas)
por um olhar aborígene
em oração



Odair de Morais
(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).



MORADA

O dia se dissolve
o creme dental explode
a vida vai passando
em suaves prestações

a tranca da garagem
a grade da janela
o coração na geladeira
implorando um abraço
sem preço

no álbum de retratos
uma mancha
no papel fotográfico
da infância

Em cima da mesa
um liquidificador de sonhos
ensina o degustar calmo
das coisas simples e miúdas

na sala de jantar
a gaveta guarda talheres
pequenas memórias
estalos de consciência
Mãos a procura da chave de si
ínfimos sentidos para existência



Paulo Wagner
É Escritor, Professor, Mestre em Estudos de Linguagens e Literatura pela UFMT e doutorando em Estudos Literários pela Unemat

FRIDA

Entrei na casa azul de Frida,
No jardim esmeralda
Havia cactos,
Macacos,
Flores em grinalda.

Da janela,
Vi Frida
Mergulhada na cama,
Boiando em mágoas,
Coluna partida
Refletida no espelho.

Estava abatida,
Mas seus olhos negros
Sob os arcos das sobrancelhas
Brilhavam
Em pensamentos mágicos;
Um colar de espinhos
Rodeava seu pescoço
E um gato preto
Dava-lhe uma lambida.

Tão sofrida,
Alma perdida
Em mais uma paixão bandida,
Corça ferida
De cabelos cortados
Sob um véu branco
De renda franzida.

Frida
Apodrecida
Como um fruto,
Mãe parida
Que expulsara a dor
E o universo
Pela pélvis perfurada.

Frida,
Vestida de veludo,
Senhora soberana,
Estrela arremetida em frangalhos
Na noite mexicana.





Raquel Naveira
É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.



Abriu asas e voou,
Rendeu-se à leveza do vento.
O bater e pairar de plumas se tornou
O seu contentamento.



Renata R. Marmol
É alguém que sente e as vezes escreve. Além disso é Mestre em Teoria do Direito e da Justiça pela PUC-Minas. Especialista em Direito Constitucional. Advogada. Licenciada em Letras e Literatura.

PÉ RACHADO

recebo o programa da peça com o nome dos artistas e vários
poemas sobre o que essa cidade é e eu aqui nascida em berço
esplêndido não reconheço nos versos as veias por onde meu
sangue corre mas por uma felicidade do destino quem sabe
uma reparação cósmica também escrevo versos então cá
estou passando o errorex pois corretivo tem o mesmo valor
semântico mas não tem o mesmo impacto sonoro então

vamos lá

a cuiabá que eu conheço não é essa de nomes pesados anos
passados tradição e matagal e uma ofensa pessoal por não
usar a maiúscula em nome próprio deus me livre e guarde
o atrevimento dessa criatura pode até ser típico mas de
que adianta se a pessoa não gosto de farofa mas deixa
isso quieto e volta ao assunto identitário sobre o que pode
até ser mas para mim não é e assim sendo e por ai vai

pois é

cuiabá é quinta à noite no cine teatro o felipe atrasado eu
correndo no amarelo do semáforo o asfalto quente sob a sola
dos pés trezentos e três comprimidos nos meus trinta anos
tudo gira em torno do meu coração aquariano o asfalto quente
que impulsiona o salto que ampara a queda e que é tão duro
que racha o pé veja bem cuidado com o pé rachado pois

cuiabá não tem só impacto sonoro
tem também valor semântico
e quatro vogais



Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na PUCRS, autora dos romances “O último verso”e “Virgínia”.



Um conceito fundamental de estética —
O universo inteiro é um *despencamento* de coisas
Milhares de formas e de estruturas/ as substâncias
caem para todos os lados de nenhum lugar aparente

Os elementos cruzam aquilo que dizem ser o *espaço*
e algumas linhas invisíveis enganam a todos os olhares

As mãos acham que podem, mas a densidade...
A fúria dessas coisas todas que despencam...
A *forma* mesma do universo é cair

E no chão são esquecidas sob a poeira/
tais aos dentes de leite de deus que
onde caiam explodem em mil megatons

Outro conceito fundamental de estética —
Do *despencamento* formou-se o cosmos
As convenções as cifras e a vontade de comprar/
A roda de místicos semânticos converteu
Pedras em avejões delirantes/ e logo
As infestações intratáveis de maribondos

Assim as mãos sem linhas dos autômatos
Fiaram em nosso tempo um véu inconsútil
Aquilo que chamamos de *aporia*
E este tempo feito bijuterias a embelezar os céus
(ditadura dos objetos de comprar)

Cara a cara a vergonha e os desavergonhados
E o fogo na santíssima fauna & flora
Queimando seres sem *lógos* sem voz
Sem importância sem dinheiro no bolso/miasma/
E a potência fétida da convenção

E quando Aristóteles disse — *"o homem é um animal Dotado de linguagem"* — ele sabia que
A besta faz da palavra presas em sua boca





Wellington Amancio da Silva
É professor da rede pública, músico, graduado em filosofia e mestre em Ecologia Humana. Publicou livros de ficção e de ensaios. Publicou-se dezenas artigos acadêmicos em revistas especializadas. É membro da equipe editorial da Revista Utsanga — Rivista di critica e linguaggi di ricerca. Fundou as Edições Parresia em 2019. Membro do GT Arborosa. Destacam-se "Ontologia e Linguagem" (2014), "Figuras da indiferença" (2019), "Gumbrecht leitor de Martin Heidegger" (2020), "o reneval" (2018), Primeiros poemas soturnos" (2009), "Apoteose de Demerval Carmo-Santo" (2019), "Os outros, sertão de argila escura (2021). Publicou de forma avulsa em várias revistas nacionais e internacionais.



Mário Cézar Silva Leite
É professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso. Atua na Graduação em Letras/Literatura (IL) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-FAC). Fundou e coordena o Grupo de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso-RG DICKE (CNPq/UFMT). Doutor em Comunicação e Semiótica, é crítico literário e escritor. Dentre suas publicações destacam-se: Recuerdos de Mi Abuela & Outros Estilhaços em Charla (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2020); Memorial [IN?]Descritivo: auto-ópera-biográfica-burlesca para professores titulares em literatura (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2017); Literatura, Vanguardas e Identidades: as Brenhas do Regionalismo (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2015)

DESEJO E REPULSA: CORPO-ARTE – ATRAENTE-DISSIDENTE

...E ficam tristes e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
Toda a expressão deles mora nos olhos -
e perde-se a um simples baixar de cílios, a uma sombra.
Nada nos pelos, nos extremos de inconcebível fragilidade, e como neles há
pouca montanha, e que secura e que reentrâncias e que impossibilidade de
se organizarem em formas calmas, permanentes e necessárias.
Têm, talvez, certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido vazio interior que os torna tão pobres
e carecidos de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós), sons que se despedaçam e tombam no campo
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

(Um boi vê os homens – Carlos D. de Andrade)





O corpo. Matéria de composição-decomposição, de estar, ser, ocupar, inteirar, agir, interagir e de se integrar no e com o mundo. Ser, todo início e todo fim. Tudo começa e termina nele. O corpo. O que se passa pelo e como belo. O que se passa pelo e como o feio. Pureza, limpeza, impurezas, sujeiras. O corpo completo que, no mais das vezes, atrai-nos. O corpo incompleto que, no mais das vezes, repudiamos. Seus desenhos, seus tornos e contornos, sua força, sua fragilidade sempre no enfrentamento do e com o mundo. Formas de ser e existir individualmente, formas de ser e existir coletivamente. A PIXÉ, Revista Literária, Edição 31, Ano 4, julho/2022 coloca em primeiro plano o corpo, a corporeidade humana, pelas incríveis imagens, fotos-performances-outdoors, do artista Sandro Giordano. O romano, nascido em 1972, além de cenógrafo, de ator e engenheiro de luz para teatro desde outubro de 2013, se dedica ao projeto fotográfico *"IN EXTREMIS (corpos sem arrependimento)"*. Parte desse projeto se expõe nessa PIXÉ.

Já desde algum tempo sabe-se que o corpo, ou sua designação – sua corporeidade, seu modo químico e físico de ser e estar –, *traduz de imediato um fato do imaginário social. De uma sociedade para a outra, a caracterização da relação do homem com o corpo e a definição dos constituintes da carne do individuo são dados culturais cuja variabilidade é infinita* (LE BRETON, 2012, p. 30). Desse modo, estabelece-se que no *fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instancias da cultura, ponto de atribuição por excelência do campo simbólico* (LE BRETON, 2012, p. 31). Na perspectiva das Ciências Sociais, isso interessa muito aqui, o *corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo /.../* (Op. Cit, p. 32). Então, convencionados de que o corpo é uma convenção-definição-conceituação sociocultural – inclusive naquilo que se pode dizer que é "em sua natureza" –, devo aqui estar antes atento ao seu processo de "trânsito" em e para os percalços da arte. Toda arte, antes de ser arte precisa ser, deve ser, uma convenção de ficção, de ficcionalidade, fabulação, imaginação. Entretanto, nos termos aqui postos, toda "realidade" está em direto tom com a ficcionalidade e vice-versa. Não há "pureza" nem em uma nem em outra. Realidade e arte compõem-se basicamente nas subjetividades, nas impressões, que, por sua vez, compõem-se de padrões e convenções socioculturais. Daí que as percepções, sensações, funções, interpretações e representações do corpo são variáveis e múltiplas conformes a variabilidade e multiplicidade das sociedades e culturas. Para a arte é possível dizer, de certo modo, o mesmo. O fundamental aqui é notar que sociedades e culturas nessa engrenagem também definem o "aceitável" e o "inaceitável" para o ser e estar dos corpos e das artes. O que nossa sociedade e cultura cultua do corpo e no corpo pode ser o que outras sociedades e culturas abominam. E tanto no repertório do "admissível" quanto do "inadmissível" corporal as dissidências se postam, alargam e diluem as fronteiras. Tensões entre o erótico e o pornô; entre o desejo e a repulsa; entre o prazer e a dor; entre o sadismo e o masoquismo; entre o constrangimento e o riso.

Em cores fortes, num diálogo mix possível com a pop art e o hiper-realismo, o projeto-obra, a arte, de Sandro Giordano, *IN EXTREMIS: corpos sem arrependimentos*, o artefato artístico, fotos-performances-outdoors, põe em questão, por inusitadamente belo e constrangedor ao mesmo tempo, as relações do corpo, da corporeidade ocidental, com as múltiplas formas de vê-lo, senti-lo, percebê-lo e interpretá-lo nas dimensões e limites do estético, do lúdico, do cognitivo, e do catártico. Corpos em queda. Queda dos *corpos in extremis*, Sandro Giordano, *sem arrependimentos*, na PIXÉ desse mês.

REFERÊNCIAS:

LE BRETON, David. A Sociologia do Corpo ; trad. Sonia Fuhrmann. 6ª.ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

MATÉRIA PLÁSTICA



CORPOS EXTREMOS E O INSTANTE DO COLAPSO NA FOTOGRAFIA FICCIONAL DE SANDRO GIORDANO

A imagem fotográfica não é a janela do real. Ela é o resultado de um recorte subjetivo do olhar, fruto de um ponto de vista, de enquadramentos abstratos no contínuo processo de atribuição de sentido ao mundo. Entre as diferentes práticas artísticas que fazem uso dessa linguagem, a fotografia ficcional se destaca como aquela capaz de produzir um fato-artifício, provocando o público a pensar duas vezes sobre a natureza do real quando se trata de fotografia.

O italiano Sandro Giordano faz isso por meio da ironia, do deboche. Em seu projeto IN EXTREMIS (bodies with no regret), que pode ser traduzido livremente para AO EXTREMO (corpos sem arrependimento), o artista inventa e fotografa o instante da derrocada de suas personagens. O exato momento em que aqueles corpos sucumbem ao mundo das aparências, vivenciando assim o desmoronamento de suas realidades inventadas.

Giordano brinca com aquilo que parece, mas não é. O público é agraciado com imagens de cenas inusitadas, improváveis, que perturbam as expectativas daquilo que usualmente seria a fotografia de um quarto de hospital, de um jogo em uma quadra de tênis ou de um banho de sol na praia. Em uma das imagens, a personagem é praticamente esmagada por uma xícara gigante de café. Em outra, a personagem aparece caída, ao sair de um carro, cercada por garrafas de bebidas, inclusive recebendo whisky diretamente na veia. Numa terceira imagem, outra personagem aparece caída no chão, com suas sacolas de grife espalhadas pela calçada.

Essas imagens satirizam os costumes da sociedade que fetichiza o consumo na era do excesso, inclusive do excesso de faz de conta. São figuras humanas cansadas da representação cotidiana, estereotipada e distorcida por inúmeras práticas de edição e montagem. Corpos esgotados pela anestesia dos fármacos, do entretenimento, das bebidas alcoólicas e não alcoólicas, entre outros vícios contemporâneos.

São figuras humanas com rostos subtraídos, para que a expressão corporal tome forma e se destaque na composição. Ao adotar posições de vulnerabilidade, esses corpos parecem assumir uma condição maleável, que os transformam em elementos visuais plásticos. Corpos articuláveis, revelando formas inesperadas e distantes das habituais poses humanas registradas em fotografias. Não existe altivez, não existe a nobreza que geralmente é almejada pelo retrato fotográfico. Pelo contrário, as formas desenhadas por esses corpos expressam o azar de uma decadência estúpida e perplexa.

As imagens de Sandro Giordano, portanto, narram tragédias ou tragicomédias. Sobretudo, são histórias de fracasso. O clique no instante derradeiro em que a altivez do corpo dá lugar ao seu colapso, gerando formas curiosas, bem humoradas e cheias de plasticidade.



Renato Medeiros
É Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), jornalista cultural e idealizador do perfil @pigmum.arte, sobre artes visuais, exposições e museus. Em 2021, foi premiado em 1º lugar no Salão Jovem Arte MT, na categoria Pintura.

DO CONTEMPORÂNEO





Maristela Carneiro
Maristela Carneiro é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO/UFMT. Docente da Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT, é Mestre em Ciências Sociais e Doutora em História. Co-Líder do Grupo de Pesquisa ContemporArte. Dentre seus interesses, destaque para Estudos de Gênero, Feminismos, Artes e Cultura Visual, Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul.

GATILHOS DE ALEGRIA

A alegria não desfruta de boa reputação no mundo das artes. Seja qual for a linguagem artística em questão, diversão é sempre tabu. Artes feitas com prazer, que proporcionem conforto ou que induzam ao riso são frequentemente descartadas como rasas e descomprometidas, incapazes de alcançar a complexidade do sensível. Essa visão, ao menos em parte, encontra sua justificativa no grande número de obras baseadas em narrativas preconceituosas, que exploram, perpetuam e difundem em nossa sociedade as mais grotescas caricaturas de mulher, de negro, de pobre e de LGBTQIA+.

Dito isso, a "alta arte" poderia ser odiosa? Não há inegável misoginia nos filmes de Woody Allen e nas pinturas de Picasso? Não há fetichização da violência nas pinturas de Jacques-Louis David e nas peças musicais de Richard Wagner? Não há um elogio desmedido ao poder abusivo de príncipes, duques e bispos em incontáveis obras renascentistas? Nada garante que um trabalho artístico "mais sério" guarde melhores intenções. Ademais, as melhores intenções garantem alguma coisa? Não está o inferno cheio delas?

E, no entanto, fazemos inúmeras concessões à dita "boa arte": perdoamos todas as suas faltas, enquanto reservamos as mais duras críticas à arte que promove leveza, riso, fuga. A última fase da obra de Matisse e seus recortes de papel é frequentemente deixada de fora das retrospectivas de sua obra, porque é tida como uma fase menor, menos densa em termos de elaboração teórica, talvez até mesmo boba.

De modo geral, a música popular dedicada à dança, à celebração, à folia, é também tida como menor que a música de câmara, à qual canais e publicações especializadas dedicam amplo espaço, isso sem mencionar os currículos escolares, que por sua vez replicam os currículos das faculdades e cursos "superiores" de música, por vezes desprezando ou apagando alternativas ainda não consolidadas nos castelinhos curriculares.

Chegamos então ao silêncio. O silêncio é uma forma de depreciação tão eloquente quanto o insulto, e a arte que não é mencionada sofre até mais que aquela que é degradada em voz alta, perdendo até mesmo a chance de lembrada com desprezo. Não é lembrada, ponto.

Por quê? Certamente, a alegria é algo que, no nível pessoal, ao menos, todos buscamos, de alguma forma. No reino da alta erudita dos corredores universitários, salas de concerto e galerias, todavia, ela se converte em sinônimo de simplismo, conformidade burra, alienação. Novamente, não é algo de todo injustificado. Não faltam artes no mundo que apelam ao cômico e ao sentimental de forma barata e deliberadamente irrefletida e alienante. Dito isso, a potência reflexiva de uma obra não repousa, ao menos parcialmente, em sua capacidade de tecer uma relação subjetiva com o apreciador? A seriedade de uma composição profunda e bem pensada não poderia servir como um enclausuramento de si? Uma armadura de seriedade que afasta não apenas a alegria, mas também o significado, os afetos, a curiosidade, o interesse, a capacidade de interpretação.

Não seria em certos casos a leveza um recurso mais válido para atingir o afeto e a fruição?

Este é o ponto em que a obra de Tilde Grynnerup salta aos olhos. Tendo trabalhado como letrista e estilista, a dinamarquesa entalhou seu caminho nas artes visuais buscando novas formas de expressão e assentando-se no trabalho com madeira. Assimilando a técnica de seu pai, carpinteiro, Grynnerup se debruça sobre a madeira para criar composições abstratas que se caracterizam pelo ritmo visual e pelas cores vívidas, obras que, mesmo estáticas, carregam um movimento construído pela concatenação de formas e espaços.

As artes visuais, desde sempre, construíram-se sobre ilusões. A superfície plana da pintura e do relevo se esforçaram para conter o espaço tridimensional com suas nuances de profundidade. A perspectiva e o escorço foram formulados com a finalidade de reforçar o ilusionismo da criação bidimensional. Mesmo com a relativa libertação da representação figurativa proporcionada pela abstração, alguma necessidade de ilusão permanece: o movimento que não é movimento, o ritmo e sua constância apaixonante.

Os painéis de Tilde exploram magistralmente a paixão do olhar pela ilusão. Suas formas angulosas e coloridas se sobrepõem, se seguem e se interrompem com fluidez, criando uma dança que remete aos trabalhos finais de Piet Mondrian, todavia com muito mais ímpeto, dadas a ousadia dos recortes e a variedade das cores. A potência dinâmica dessas imagens aproxima-se muito, com efeito, das preferências visuais dos construtivistas russos, com suas linhas ousadas, semelhantes a escadarias conceituais que levam de qualquer lugar para lugar nenhum. Melhor que um lugar comum.

Aos olhos de gerações contemporâneas, na verdade, que já não olham mais para algo com as características do conjunto da obra de Grynnerup como apenas um exercício formal, mas como peças que dialogam com décadas de ironia, super-estimulação visual, pixel art e paixões tanto minimalista quanto camp e kitsch, o apelo destes painéis é sua redundância e sua diversão. Para nossos olhos exaustos, mas sempre sedentos por mais imagens, a repetição intensa e bailante desses trabalhos é bem-vinda. O movimento implícito é encorajador, excitante, irrefreável, como queremos que a existência seja.

O energético. O leve. O divertido. Voltamos ao início? Como conciliar aquilo que todos queremos, a elevação do espírito, com as igualmente altas expectativas das esferas cerradas de nossa cultura, o aspiracional, o drama, o perpétuo aborrecimento vital vendido como profundidade? O trabalho de Grynnerup nos convida a examinar uma arte carregada de referências, de vida, de potência expressiva e, apesar disso (ou talvez justamente por isso), de pulsante alegria.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER



AMORES INDÍGENAS

Na sociedade Nambiquara, pajés podem manter relações sexuais com plantas, animais e seres sobrenaturais. Na puberdade, desposa de uma jovem, união arranjada entre seus pais e os da nubente. Mais tarde, quando estiver de posse de seus objetos de poder, uma mulher-espírito o procurará para casamento. Das relações sexuais, nascerão crianças-onças e uma grande quantidade de frutas abastecerá a aldeia naquele ano. Abundância de frutos no cerrado indicam houve repetição amiudada de cópulas entre o pajé e sua mulher-espírito.

O pajé é detentor de poderes ao estar na companhia de uma mulher-humana e uma mulher-espírito. Esta, por não possuir laços de parentesco com nenhum Nambiquara, acha-se desobrigada de obedecer as regras que direcionam a vida matrimonial. Ao contrário da mulher-humana, é livre para escolher aquele que mais lhe agrada e permanecer em sua companhia enquanto estiver enamorada. Caso o esposo-pajé e os moradores da sua casa lhes causarem alguma dor, a mulher-espírito poderá ir embora, a procurar outro o pajé para se unir.

Nos rituais de cura, mulheres-espíritos auxiliam o pajé no diagnóstico da doença e indicação medicamentosa à base de plantas medicinais ou mesmo, em menor escala, de animais (caldo de caninana e de perdiz). Assim como a esposa-humana do pajé permanece ao seu lado nas sessões de cura para abastecer de chicha o caldeirão e para acompanhá-lo na cantoria, sua esposa-espírito, também representada por uma onça, auxilia no processo de cura e traz novas cantigas. Dona de ornamentos mágicos, moradora de montanhas, sua imagem assemelha-se à da mulher humana, mas de beleza superior.

Pajés devem cultivar com astúcia um ambiente familiar harmonioso, a fim de que a mulher-espírito permaneça ao seu lado, junto à sua família. Na aldeia, todos usufruem da relação do triângulo amoroso, pois podem contar com sua proteção do pajé contra espíritos sobrenaturais que sempre estão à espreita, à espera do momento oportuno para lhes fazer mal. Mulher-humana e mulher-espírito são parceiras. Um pajé que trata com desatenção sua mulher-humana será abandonado pela mulher-espírito. Sem a harmonia familiar, o pajé jamais terá a credibilidade dos demais moradores de sua aldeia. Ele precisa ter muita habilidade com sua esposa humana e com sua esposa-espírito para que possa usufruir de suas companhias por tempo duradouro, a engrandecer seus poderes, sua notoriedade como pajé.



Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.


BENEDETTO XVI
PAPA FRANCESCO
PHÉ
REVISTA LITERÁRIA